

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação



FE

TCC/UNICAMP S138b

Thais Cristina Leite Bozza

**Cyberbullying: quando a violência é
virtual**

**Um estudo sobre a incidência e sua relação
com as representações de si em adolescentes.**

Campinas

2010

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

6 e 7 h e 0102

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Thais Cristina Leite Bozza

Cyberbullying: quando a violência é virtual

**Um estudo sobre a incidência e sua relação
com as representações de si em adolescentes.**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de
Graduação em Educação da Faculdade
de Educação da Universidade Estadual
de Campinas sob a orientação da
Profa. Dra. Luciene Regina Paulino
Tognetta.**

Campinas

2010

2

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	TCC/unicamp
	51326
V:	EX:
Tombo:	5035
PROC.:	134120
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	05/10/10
CÓD TÍTULO:	771915

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

B719c	Bozza, Thais Cristina Leite Cyberbullyinmg: quando a violência é virtual – um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes / Thais Cristina Leite Bozza. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010. Orientador : Luciene Regina Paulino Tognetta. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Cyberbullying. 2. Auto representação. 3. Representações sociais. 4. Psicologia social. 5. Moral. I. Tognetta, Luciene Regina Paulino. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
-------	--

10-159- BFE

*Dedico esse trabalho a todos aqueles que sofrem
envolvidos em situações de bullying.*

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Maria Rosa e Luiz, por todo amor, carinho e dedicação nesses anos todos.

Aos meus familiares: Felipe, Jhonatan, Célia, Gustavo, Denilson, Wilma, Mauro, Carolina, Raquel, Victor, e à minha Avó, Dona Rosa, que me acolheu com carinho e me deu todo conforto em sua casa durante a Faculdade.

Agradeço à Marcela por todos os anos de amizade, companheirismo e cumplicidade. E às amigas: Paula D., Fernanda, Paula M. e Kamila. Às amigas da Faculdade de Educação: Aline M., Carol e Vanessa, obrigada pela compreensão, incentivo, companheirismo durante esses quatro anos em que estivemos muito próximas.

Agradeço ao meu namorado, Thomas, por acreditar e incentivar meus estudos.

Agradeço à Professora Luciene Tognetta, orientadora, cúmplice e responsável pelo encanto deste trabalho, a ela o meu profundo respeito, admiração e gratidão.

Agradeço também à Professora Telma Vinha, foram suas aulas prodigiosas que me despertaram o interesse pela Psicologia Moral.

Agradeço ao GEPEM, às pesquisadoras: Vanessa, Sandra, Adriana, Lara, Lívia, Mariana, autoras de trabalhos muito interessantes, que são exemplos para mim.

Por fim, agradeço a todos os alunos participantes dessa pesquisa, aos professores que abriram espaço em suas aulas para que os alunos pudessem responder ao questionário. E a todos aqueles que participaram indiretamente do desenvolvimento desse trabalho, os funcionários da Faculdade de Educação, da Biblioteca, da Informática e do Departamento de Fotocópias.

Obrigada, a todos vocês!

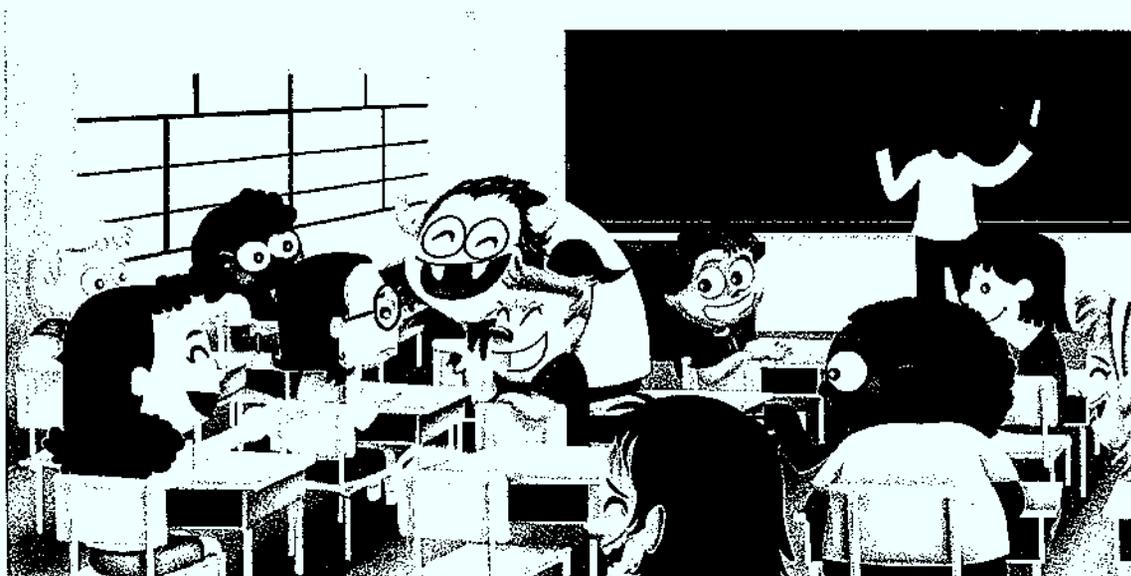


Ilustração do livro: "A história da menina e do medo da menina" que trata do bullying escolar, publicado pela Editora Adonis, de autoria de Luciene Tognetta.

*"Ninguém pode fazer você se sentir inferior
sem o seu próprio consentimento".
Eleanor Roosevelt (1884-196)*

Resumo: Explicar as características de ações violentas e os comportamentos daqueles que se envolvem em situações de *bullying* e *cyberbullying* - vítimas, autores ou apenas aqueles que assistem com indiferença e relutância o sofrimento de outrem, parece ser um caminho para vencer as formas pós-modernas de estar longe de relações éticas. Nesse sentido, essa investigação atual realizada com 63 adolescentes de 14 anos, estudantes de colégios públicos da cidade de Campinas, escolhidos aleatoriamente para responder um questionário organizado como instrumento dessa pesquisa, teve como principal objetivo constatar a possível correspondência entre as representações que os sujeitos têm de si e o envolvimento no fenômeno *cyberbullying* no site de relacionamento "Orkut". Outro objetivo a que nos determinamos, foi distinguir os possíveis protagonistas de *cyberbullying* e suas características. Os resultados possibilitaram caracterizar tais protagonistas dessa violência pós-moderna e apontaram para uma correspondência entre o fato de não serem autores de *cyberbullying* aqueles adolescentes cujas representações de si incorporam conteúdos éticos, pois admiram valores morais, como a justiça e a generosidade e, portanto, são capazes de incluir os outros em suas ações.

Palavras- chave: Cyberbullying, Representações de si, Educação, Psicologia Moral.

Sumário

Introdução	12
<i>CAPÍTULO I- Bullying: Compreendendo o fenômeno</i>	16
1. Um panorama geral das pesquisas sobre <i>bullying</i>	21
<i>CAPÍTULO II- O fenômeno chamado Cyberbullying</i>	30
2.1. <i>Cyberbullying</i> nos tempos atuais	31
2.2 Um panorama geral das pesquisas sobre <i>cyberbullying</i>	35
<i>CAPÍTULO III- Novas modalidades de relacionamento: o uso da internet</i>	40
3.1 As definições sobre Ciberespaço	41
3.2 O uso do site de relacionamento preferido entre os jovens brasileiros, o <i>Orkut</i> , para a prática do <i>cyberbullying</i> .	43
<i>CAPÍTULO IV- O fenômeno bullying e cyberbullying do ponto de vista psicológico</i>	48
4.1 As representações de si	52
<i>CAPÍTULO V- A pesquisa empírica</i>	57
<i>CAPÍTULO VI – Apresentação dos resultados</i>	63
6.1 Primeiro Estudo: A caracterização do <i>bullying</i> no Ciberespaço	64
6.1.1 Os participantes do <i>cyberbullying</i>	65
6.1.2 Quanto aos sentimentos dos envolvidos	69
6.1.3 As características dos envolvidos segundo o gênero	74
6.1.4 O conhecimento das estratégias de segurança de navegação na Internet	77
6.2. Segundo Estudo – Correspondências entre <i>cyberbullying</i> e representações de si	79

6.2.1 Categorias das representações de si	80
<i>CAPÍTULO VII- Considerações finais</i>	97
Referências bibliográficas	105
Anexo I	109

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Quantidade de autores, vítimas e espectadores de <i>cyberbullying</i> no Orkut	64
Figura 2. Quantas vezes usaram o Orkut para insultar outra pessoa	65
Figura 3. Quanto a identificação nas práticas de <i>cyberbullying</i>	66
Figura 4. Quantas vezes foi alvo desse tipo de agressão	66
Figura 5. Atitudes tomadas pelo espectador	69
Figura 6. Sentimentos do autor ao utilizar o Orkut para agredir outra pessoa	70
Figura 7. Sentimento de autor que conhece uma vítima	70
Figura 8. Como a vítima se sentiu diante da situação	71
Figura 9. Sentimento experimentado por quem já foi vitimado quando soube o que estava acontecendo com outra vítima de <i>cyberbullying</i>	72
Figura 10 . Sentimentos dos espectadores	73
Figura 11. Alunos do gênero masculino e feminino que já foram autores, vítimas e espectadores de <i>cyberbullying</i> .	75
Figura 12. Correspondência entre Gênero e representações de si	76
Figura 13. Sentimento que experimentaram quando souberam o que estava acontecendo	76
Figura 14. Autores, vítimas e espectadores que conhecem estratégias de segurança no espaço virtual	78
Figura 15. Como aprendeu estratégias de segurança do espaço virtual	78
Figura 16. As representações de si	80
Figura 17. Alunos que deram respostas consideradas de caráter individualista e o envolvimento com <i>cyberbullying</i> no Orkut	81
Figura 18. Alunos que deram respostas consideradas de caráter individualista, relacionamento com amigos e quantidade de amigos	82
Figura 19. Alunos que admiram estereótipos sociais, relacionamento com amigos e quantidade de amigos	85
Figura 20. Alunos que admiram características éticas e envolvimento no fenômeno <i>cyberbullying</i> no Orkut	86

Figura 21 Alunos que admiram características éticas, relacionamento com amigos e quantidade de amigos	87
Figura 22. Alunos que não conservam as mesmas características nas respostas das duas questões relacionamento com amigos e quantidade de amigos	89
Figura 23. Aqueles que não responderam por que não sabem ou não quiseram responder, relacionamento com amigos e quantidade de amigos	90
Figura 24. Características admiradas pelas vítimas	91
Figura 25. Características admiradas pelos espectadores	93
Figura 26. Características admiradas por aqueles que se identificam com aqueles que encaminham ou divulgam a mensagem	93
Figura 27. Características admiradas por aqueles que somente observam casos de <i>cyberbullying</i>	94
Figura 28. Características admiradas pelos autores	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Tipos e frequência de agressões por meio do Orkut	67
Quadro 2- Quantidade de alunos do gênero masculino e feminino que já foram autores, vítimas e espectadores de <i>cyberbullying</i>	74
Quadro 3 - Alunos que deram respostas consideradas de caráter individualista e com qual figura se identificam mais	81
Quadro 4 - Alunos que admiram estereótipos sociais e envolvimento no fenômeno <i>cyberbullying</i> no Orkut	83
Quadro 5 - Alunos que admiram estereótipos sociais e com qual figura se identificam	84
Quadro 6 - Alunos que admiram características éticas e com qual figura se identificam mais	86
Quadro 7 - Alunos que não conservam a mesma característica nas respostas sobre admiração: com qual figura se identificam	88
Quadro 8 - Aqueles que não responderam por que não sabem ou não quiseram responder: com qual figura mais se identificam	90

Introdução

“A violência desses jovens não decorre de uma falta de regras, mas é sim decorrência da ausência de valores morais na formação de sua identidade”.

Yves de la Taille

As manifestações violentas dentro das escolas se intensificaram nos últimos tempos, levando educadores, pais e alunos a buscarem ajuda fora dela para tentar superar essa crise. Tais cenas denotam o cotidiano de uma instituição que parece estar mais preocupada com os conteúdos acadêmicos e menos atenta ao que mais prejudica e intensifica os problemas de aprendizado: os problemas afetivos e as relações interpessoais dos alunos. Nesse paradoxo, assistimos constantemente lamentações pela existência de conflitos ligados à falta de respeito e indisciplina, ao mesmo tempo em que assuntos como a formação ética e moral dos alunos detém pouco espaço no contexto das aulas, que refletem a preocupação com um currículo acadêmico cujos métodos ainda são em grande parte mecanizados. (Cortella e La Taille, 2009; Tognetta e Vinha, 2010)

Por certo, não somente a escola sofre uma crise moral e ética. Podemos afirmar que seus valores denotam uma inclinação para o que é culturalmente importante, como a fama e o prestígio, notadamente percebido nas propagandas das escolas sobre os vestibulares. Essa mesma sensação de valores em crise vive a sociedade em geral. Seus cidadãos parecem se importar muito mais com a fama, a virilidade, a cultura do corpo, o prestígio, do que com cenas constantes de injustiça a que somos acometidos nas decisões dos planaltos, ou mesmo nas ruas de onde moramos (La Taille, 2009). Há um

indicativo de que os valores morais estão mais relacionados à esfera privada e não à dimensão pública que envolve o outro.

Uma pesquisa recente evidenciou que a maioria dos jovens contemporâneos só consegue se indignar (sentimento negativo como uma reação às ações que o sujeito considera contrárias ao que ele valoriza, quando sente que um direito foi violado) quando uma injustiça ou uma agressão ocorre com alguém próximo a eles, como alguém da família ou algum amigo, alguém que faz parte do campo privado e não de qualquer ser humano. Isso significa que esses jovens não estão dispostos a buscar uma vida boa “com e para” o outro, e sim, somente para si e para “alguns outros, poucos”. Sim, por que nos parece adequada a expressão de Paul Ricoeur, para definir o que é ética: “a busca por uma vida boa”, digna diríamos, “com e para o outro, em instituições justas” (1990).

O que se nota, comumente, são pessoas alheias umas as outras, o outro é visto muitas vezes como um adversário a ser superado. A idéia de coletividade não aparece na família, na escola, no trabalho, o que existe é apenas a convivência e tolerância a um outro que, na verdade, se consubstancia um estranho. (Cortella e La Taille, 2009).

Nesse contexto, onde o “outro” é sempre um adversário, são corriqueiras situações nas quais indivíduos são ofendidos, insultados, agredidos, assediados, ameaçados, difamados, mal tratados, intimidados, e até assassinados. Muitos desses atos ocorrem também dentro das escolas, uma dessas violências contidas nesse espaço social tem chamado a atenção de

pesquisadores no mundo todo: o *bullying*. Chamamos de *bullying* uma forma de maltrato em que um aluno, longe dos olhos do adulto, promove uma ação violenta com a intenção de magoar, ofender, intimidar, ameaçar outro aluno. No entanto, com o advento da tecnologia, no auge de um momento histórico em que as formas de relações sociais entre as pessoas se tornam cada vez mais virtuais, essa mesma forma de violência atravessa as fronteiras da escola, ou mesmo da família em que pequenas violências domésticas estão presentes: o *cyberbullying*¹. Jovens "antenados" como eles mesmos, se apresentam como peças fundamentais quando se estuda esse fenômeno.

Essa nova realidade de relações interpessoais, explicitadas pelas inúmeras formas de relacionamento virtual, tem sido alvo de investigações que nos trazem a tona um novo desafio contemporâneo, que é compreender as manifestações violentas nesse meio.

Explicar as características dessas ações e os comportamentos daqueles que assediam, ofendem, intimidam, difamam; daqueles que são assediados, ofendidos, intimidados e difamados, assim como aqueles que apenas assistem com indiferença e relutância ao se posicionarem, parece ser um caminho para vencer as formas pós-modernas de estar longe das relações éticas.

Isso posto, nosso objetivo vai ainda mais longe: se são formas de desrespeito, as ações de *bullying* e *cyberbullying*, são elementos que denotam

¹ O *bullying* entre irmãos tem sido alvo também de investigações atuais que comprovam sua incidência.

a falta da moral. Assim, se para agir moralmente é preciso um querer que corresponde a manter uma boa imagem de si, podemos nos indagar: haveria uma correspondência entre as imagens que o sujeito tem si e suas ações na internet quando protagonizam o *cyberbullying*?

Tais indagações nos levam a essa presente investigação.

CAPÍTULO I

BULLYING: COMPREENDENDO O FENÔMENO

*“Se eu olho ao meu redor,
no mundo só vejo falta de esperança.
E apesar de tudo, eu e todos,
temos que tratar de encontrar
uma fonte de esperança.
Temos que crer no homem,
apesar do homem”.*

Elie Wiesel (judeu, ganhador do Prêmio
Nobel da Paz, 1986)

CAPÍTULO I

BULLYING: COMPREENDENDO O FENÔMENO

O *bullying* é uma manifestação violenta, que ocorre onde a convivência entre pares é intensificada, no meio escolar, por exemplo. Caracterizado por ações agressivas, intencionais, repetitivas, cuja motivação para tal não parece evidente. São atos violentos adotados por uma ou mais pessoas contra um alvo escolhido, "causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima" (Lopes Neto e Saavedra, 2003).

É um fenômeno não atual, comum no cotidiano escolar e que acontece com muito mais frequência do que se imagina. Muitas vezes não é explícito, e aparece como um problema existente nas relações interpessoais, embora suas intenções ou causas nasçam nas relações que podemos chamar de intrapessoais². No Brasil, os estudos de Fante, desde 2000, apontam a presença de *bullying* entre 20% a 30% de alunos de escolas públicas e particulares. Tais estudos foram provocativos a outros atuais, que encontram os mesmo indícios em outras regiões, alargando-se o conhecimento da incidência esse fenômeno em escolas brasileiras (Tognetta e Vinha, 2009; Macarenhas, 2009; PLAN, 2010). Voltaremos a retomar esses dados mais tarde.

² Chamamos de relações intrapessoais aquelas estabelecidas pelo sujeito com ele mesmo.

A principal particularidade do *bullying* é a intimidação entre iguais (Avilés, 2009), ocorre sempre entre sujeitos pertencentes à mesma categoria, ou seja, não é um conflito existente entre professor e aluno, entre pai e filho, e sim entre sujeitos que estejam em pesos de autoridades, ou melhor, do poder subjacente á ele, iguais. São ações agressivas praticadas por uma ou mais pessoas contra outra (as), e é a intencionalidade que o distingue de outros acontecimentos cotidianos. Não se trata de uma simples brincadeira física ou verbal; no caso do *bullying* há intuito de magoar a vítima, os atos são pensados e se repetem muitas vezes com um mesmo alvo.

Quem é vítima de *bullying* sofre, apresenta uma grave alteração na sua auto-estima e não reconhece em si um valor.

Os atos de *bullying* podem ser tanto físicos, como bater na vítima, quanto a maus tratos verbais (apelidar um colega que usa óculos de “quatro olhos”), morais (caluniar, difamar), materiais (roubar), psicológicos (amedrontar, dar “tapas na cara”), sexuais (abusar, assediar) e virtuais (cyberbullying). Para Olweus (1991) há duas formas de *bullying*, direta ou indiretamente: o primeiro caso tem-se na forma de ataques verbais ou físicos, e o segundo na forma de exclusão ou isolamento.

Os personagens envolvidos nesse fenômeno são: o agressor ou autor, a vítima (é possível ter mais de um agressor contra uma vítima ou mais) e os espectadores, que representam a maioria dos alunos da escola.

O agressor é o sujeito que domina a situação, possui habilidade de intimidar o outro, buscando sempre a vítima que lhe parece mais vulnerável.

Consegue identificar os problemas que a incomodam, provocando o medo, seja pelas ameaças morais ou pela força física para aterrorizar aquele que não consegue se defender. Destaca-se pela capacidade de cercar suas vítimas e pensar em muitas possibilidades para cumprir seus planos (Fante, 2004). Olweus (1994) ressalta que crianças e adolescentes agressoras geralmente são maiores e mais fortes do que seus pares³. Peculiaridades como popularidade, força, altura, extroversão, gênero, raça ou etnia, inteligência, e classe social e econômica "podem estimular um ofensor com percebido poder real sobre a vítima" (Olweus, 1993b, 1999; Rigby & Slee, 1993; Roland, 1980; Slee & Rigby, 1993 apud Mason, 2008). Os agressores tendem a terem reações positivas em relação à violência, relacionamentos problemáticos com os pais, e até usarem drogas ou álcool (Limber, 2002; Olweus et al., 1999 apud Mason, 2008).

Por sua vez, as vítimas geralmente são tímidas, possuem algum aspecto físico ou característica que a diferencia das demais, como religião, peso ou estatura. Demonstra insegurança, baixa auto-estima, ansiedade, irritação, submissão, etc. Não denunciam por vergonha ou medo do agressor, e não contra-atacam influenciadas pela insegurança ou conformismo e mesmo por não encontrarem forças suficientes para agirem, exatamente por que parece haver uma certa identificação sentida por ela com a forma pela qual é acometida: ela se vê inferior e por isso se torna um alvo vulnerável aos ataques (Tognetta e Vinha, 2010).

³ No cotidiano podemos encontrar crianças e adolescentes que ainda que "pequenininhos" em estatura e força física podem ser agressores de bullying.

Os espectadores não sofrem e nem praticam o *bullying*, mas presenciam constantemente as situações de agressões e constrangimento vivenciados pelas vítimas. Alguns são contra aos atos violentos intencionais, mas não interferem na situação; outros apóiam e até riem dessas situações constrangedoras, aprovando as agressões. Outros apenas são indiferentes, o que denota também uma grande preocupação, pois a indiferença é contrária a sensibilidade moral ou a indignar-se com uma injustiça.

As vítimas podem manifestar algumas peculiaridades que nos permitem identificar se está sofrendo *bullying*. Podem sentir frequentemente dores de cabeça, falta de apetite, dores no estômago, enjôo, vomitarem ou sentir tontura. Essas manifestações podem ocorrer sempre próximas aos horários de ir para a escola ou algum lugar que prevaleça a convivência com outros pares (Fante, 2004; Benavente, 2005). Também podem demonstrar pouco interesse na escola, apresentar baixo rendimento, pedir para mudar de escola, dar desculpas para não ir à aula; podem demonstrar angústia, depressão, irritação, isolamento (raramente possui amigos e não se envolve com indivíduos da mesma idade) e mudar de humor repentinamente. Podem aparecer em casa com as roupas rasgadas ou sujas, machucados inexplicáveis e com materiais escolares ausentes ou danificados. Podem pedir dinheiro extra à família, ou furtar, apresentar gastos altos na cantina da escola que não são explicados, o que geralmente acontece porque está sendo roubada por seus agressores. Podem fugir de discussões sobre o assunto e evitar se expor.

As conseqüências para a vítima são, de imediato: falta de amigos, conceito de si deficiente, insegurança e infelicidade. Em longo prazo as vítimas

poderão sofrer depressão, neurose, histeria, dificuldades de fazer escolhas e continuarem se fazendo de vítimas (Fante, 2004; Tognetta, 2005).

Os agressores também nos dão indícios de suas ações, por exemplo: podem chegar da escola com ar de superioridade, podem apresentar atitude hostil e desafiante com os pais e irmãos, enfrentar seus pais com força física ou com argumentos convincentes, exteriorizarem sua autoridade sobre alguém, não admitindo perdas ou erros. Comumente, estão sempre certos e são sempre superiores. Às vezes portam objetos ou dinheiro que não justificam. O agressor legitima a violência como forma de obter uma boa imagem de si e é assim que vai agir sempre, permanecerá egocêntrico, não conseguindo sair do seu próprio ponto de vista e incapaz de se colocar no ponto de vista do outro. Todas essas manifestações podem nos dar indícios de que há algo errado com a criança ou com o adolescente, portanto é preciso ficar atento ao conjunto dessas particularidades apontadas. (Tognetta, 2005)

1. Um panorama geral das pesquisas sobre *bullying*

Foi constatado que o *bullying* é um fenômeno mundial e está presente no cotidiano de todas as escolas, embora somente recentemente venha sendo estudado no Brasil. No âmbito mundial o Professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen (Noruega) foi o pioneiro nos estudos sobre o fenômeno, na década de 70. No Brasil, a professora Cleo Fante, desde 2000 vem pesquisando a questão da violência nas escolas, dedicando-se especialmente ao estudo do *bullying*.

Em todo o mundo, pesquisas revelam que entre 5% a 35% dos alunos estão envolvidos no fenômeno. No Brasil, uma pesquisa realizada no interior do estado de São Paulo com 1.761 alunos, constatou que cerca de 49% dos alunos estão envolvidos no fenômeno. Desses, 22% se definiam como alvo/vítima; 15% como agressor/autor e 12% como vítimas-agressoras. (Fante, 2004)

Olweus (1991), desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema. Investigou inicialmente 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre as variadas fases da educação. Ele utilizou um questionário de 25 questões para verificar a frequência e os tipos de agressões e agressores e os locais de maior risco. O autor constatou que um em cada sete estudantes estava envolvido em casos de *bullying*: 15% do total de alunos matriculados na educação básica na Noruega seriam vítimas ou agressores.

Olweus realizou outro estudo, mais abrangente, sobre *bullying* na Noruega e Suécia, com 150.00 alunos, da primeira a nona série. 15% dos alunos disseram se envolver em situações agressivas, num período de 3 a 5 meses, 9% relataram terem sido agredidos por seus pares "muitas vezes" ou mais, e 7% tinham agredido outros, 2% de todos os alunos relataram que sofreram agressões e agrediram seus iguais (Fante, 2005).

O pesquisador Avilés realizou investigações sobre o fenômeno na Espanha, em 2007. Aplicou o CIMEI (Questionário sobre intimidação e maltrato entre iguais) e constatou que 5,9% dos alunos reconheceram que agredem sistematicamente e frequentemente seus companheiros (o que chamou de

intimidação sistemática) e 5,7% disseram serem vítimas freqüentes de seus iguais (o que chamou de vitimização sistemática) (Tognetta e Vinha,2009).

Estudos feitos nos Estados Unidos, estimaram que 30% de crianças e adolescentes (quase 6 milhões) da 6ª a 10ª séries, vivenciaram *bullying*. Uma amostra de 15.686 alunos da 6ª a 10ª séries apontou que aproximadamente 11% foram vítimas de *bullying*, 13% foram agressores e 6% foram tanto vítimas como agressores durante um ano. (Nansel et al., 2001 apud Mason, 2008)

Em outro estudo norte americano, Melton et al. (1998) estudaram a incidência do *bullying* em 6.500 alunos da 4ª a 6ª séries na zona rural do estado de Carolina do Sul, 23% relataram terem sido agredidos durante os três meses anteriores, e 9% relataram terem sido vítimas de *bullying*. A cada cinco estudantes um relatou ter agredido outros estudantes "muitas vezes" ou mais nesse mesmo período (Mason, 2008).

Outra pesquisa constatou que a intimidação ou a vitimização nos Estados Unidos são mais comuns no ensino fundamental e torna-se progressivamente menos comum no final do ensino médio (Nansel et al., 2001; Smith et al., 1999), com índices de alunos agredidos diminuindo de 14% dos alunos na 6ª série para apenas 2% na 12ª série (final do ensino médio) (Devoe et al., 2005, apud Mason,2008).

No Reino Unido admite-se oficialmente que ao menos 16 meninos/meninas morrem anualmente por causas relacionadas direta ou indiretamente com o *bullying* .

De acordo com Mason (2008) e Avilés (2009) o gênero masculino

geralmente é mais envolvido, tanto como agressor, quanto vítima; as vítimas do gênero feminino são maltratadas por ambos os gêneros e mais propensas a serem alvos de rumores e comentários sexuais do que os meninos, as do gênero masculino são geralmente maltratadas por colegas mais velhos. Mason (2008) explica que geralmente os meninos agressores são impulsivos e freqüentemente mostram “uma forte necessidade para dominar os outros, parecem expressar ou serem capazes de pequena empatia pelos outros, e freqüentemente manifestam padrões de reação agressiva (p.04). De maneira oposta, continua o autor as meninas que agredem “tendem a usar métodos de molestarmento ocultos, não-físicos para abusar de suas vítimas”, demonstram a necessidade de ser o centro as atenções e de dominar um grupo de seus iguais (p.05).

Pesquisas também encontraram um dado importante: os agressores vivenciam conseqüências em longo prazo relacionadas ao comportamento *bullying*, ou seja, muitos dos adultos que se comportam de maneira anti-social foram agressores quando crianças, na escola (Tattum, 1989, apud Mason). Olweus et al. (1999) descobriram que 60% dos meninos, caracterizados como agressores da 6ª. a 9ª. séries tinham sido condenados a, pelo menos, um crime quando adultos, comparados com 23% dos meninos que não foram caracterizados como agressores. E ainda 40% dos agressores tinham três ou mais condenações com a idade próxima aos 24 anos. (Mason, 2008) De fato, ao agredir, o sujeito se vê como forte e viril, ou seja, convalidando uma boa imagem de si.

Aqui no Brasil, Fante (2005) encontrou dados também alarmantes. Realizou três estudos, no primeiro deles, pesquisou 430 alunos do Ensino Fundamental II e de 1ª e 2ª série do Ensino Médio de uma escola da rede particular e constatou que 81% dos alunos estariam envolvidos em ações violentas e, desses, 18% foram considerados a partir dos critérios de Olweus como casos de *Bullying*. No segundo estudo, dentre 431 alunos de 7 a 16 anos de cinco escolas da rede pública e particular de ensino de dois municípios do interior de São Paulo, 87% dos alunos se envolveram em casos de *bullying*. E no terceiro estudo, com aproximadamente 450 alunos da rede pública de ensino de São José do Rio Preto, constatou que 66,92% deles afirmaram sofrer algum tipo de violência na escola, sendo 25,56% casos de *bullying*. (Fante, 2004)

“Bullying escolar no Brasil”, um relatório de pesquisa recente, de Março de 2010, nos traz dados também bastante significativos. Em 2009 os maus tratos entre colegas foram mais freqüentes nas escolas do Sudeste. Nesta mesma região a porcentagem de alunos que viu colegas serem mal tratados mais de três vezes no ano de 2009 é de aproximadamente 47%, enquanto que no Norte é 23,7%.

Elementos da mesma pesquisa mostram que as agressões ocorrem, principalmente, dentro da sala de aula, com ou sem a presença do professor. Fizeram a seguinte pergunta aos alunos pesquisados: “onde você foi maltratado na escola no ano de 2009?”, a resposta mais citada pelas vítimas foi “na sala de aula sem professor” (13%), seguida pelas repostas “na sala de aula com professor” (9%) e “no pátio do recreio” (8%). Em relação às regiões

brasileiras as respostas para essa questão se assemelham nas diversas áreas do País, porém, no Sudeste a opção “no pátio do recreio” se mostra mais freqüente que nas demais regiões. Para os pesquisadores “as agressões acontecem justamente nos espaços onde podem ser mais visíveis a docentes e funcionários e onde a autoridade destes deveria se fazer mais eficiente: salas de aula e pátio” (p. 40). Tais considerações nos alerta a uma questão importante: infelizmente a conclusão desses concorda e legitima uma afirmação comum entre educadores e pais que faltam “autoridades” na escola como sinônimo de “fiscais” que estariam “vigiando” as ações das crianças e adolescentes. O que de fato é preciso são autoridades que permitam e favoreçam muito mais do que isso: a troca entre pares ⁴

Em relação aos agressores a maioria dos alunos que foi vítima de maus tratos disse que sofreu as agressões principalmente por um colega (16%). Cerca de 6% afirmam que foram maltratados por um grupo de até cinco colegas e apenas 1,5% deles alegam que o grupo de agressores tinha mais de cinco colegas. Constataram que todos os tipos de maus tratos são cometidos com maior frequência por apenas um agressor, o que corresponde às respostas dos que disseram serem autores de *bullying* para a pergunta “quando maltratam colegas na escola, normalmente você faz sozinho ou acompanhado de outros colegas?”, nas quais cerca de 13% dos alunos que assume ter maltratado colegas afirmam que o fizeram sozinhos e 7% destes alegam que o fizeram com apenas um colega. Somente 4,5% dos participantes

⁴ Retomaremos tal questão no Capítulo VII

declararam que praticaram maus tratos com até cinco colegas e 3,5%, com mais de cinco colegas.

Das vítimas, em 2009, 12% foram meninos e 7,0% meninas. Os meninos são agredidos mais por outros meninos, pois apenas 3% da amostra foram agredidos apenas por meninas. Já as meninas são agredidas tanto por meninos (24%) quanto por meninas (25%). Além disso, constataram que a incidência de vítimas em 2009, foi maior entre os alunos da quinta e sexta séries do ensino fundamental.

Outra recente pesquisa em escolas públicas e particulares na cidade de Americana e região no ano de 2007 (Tognetta e Vinha, 2009) procurou constatar possíveis diferenças entre os dois ambientes escolares, que na maioria das vezes, indicam níveis socioeconômicos diferentes. Não foram encontradas diferenças. Perguntaram aos alunos de quintas séries do ensino fundamental II se já haviam maltratado, zombado ou irritado algum colega, e encontraram números que não sugerem, ao contrário do que se imagina, que a escola pública seria disparadamente o ambiente com maior incidência de *bullying*, pois 27% dos alunos de escolas públicas e 21% dos alunos de escolas particulares, deram respostas afirmativas. Outros 54% dos alunos de escolas públicas e 42% da escola particular afirmaram terem essas atitudes algumas vezes. É verdade que a escola pública há maior índice de maus tratos e agressões (81%), se comparada a escola particular (63%), mas, o índice de maus tratos nesta última, também é alto.

Questionaram-se também sobre a possibilidade desses mesmos alunos já terem sido agredidos, maltratados, irritados ou zombados por algum colega

da escola, 67% dos alunos de escolas públicas e 53% dos alunos de escolas particulares, responderam que sim.

Os dados comprovam que há uma incidência de atos violentos bastante preocupantes nos dois ambientes educacionais, e que muitas dessas crianças e adolescentes sofrem diariamente com tais agressões. Entretanto, é preciso ressaltar que não são somente as vítimas que sofrem com o *bullying*, os agressores são também sofredores, o que não significa que suas ações não lhes causem um prazer e que, portanto, não pareçam ser 'felizes'. Arsênio e Lover (1996) realizaram uma pesquisa sobre o que chamaram de 'feliz agressor', e concluíram que esses indivíduos apontados pelos seus professores como agressores, ao serem questionados sobre situações em que personagens agredem e são agredidos, encontram dificuldade para pensar a agressão como ação moralmente condenável, em razão da tristeza causada à vítima. Isso porque, conferem sentimentos positivos aos personagens agressores. Assim, é possível pressupor que, em ações reais, o fato de agredir não causa ao então autor de *bullying* um sentimento ruim.

Contudo, esses meninos e meninas, ditos como autores de *bullying*, carecem de algo que os faz agressores: falta-lhes sensibilidade moral. (Tognetta, 2010). Tem, por certo, uma hierarquia de valores investida em que a tolerância, a generosidade, a humildade, são valores fracos. Carecem de sensibilidade porque não vêem no outro um sujeito digno de respeito, não conseguem sentir o que o outro sente; colocar-se no lugar dele para saber de sua dor.

E quando essas formas de violência ultrapassam os muros da escola, teríamos as mesmas características e as mesmas incidências? É o que passamos a discutir agora.

CAPÍTULO II

O FENÔMENO CHAMADO CYBERBULLYING

“ Os direitos do homem podem constituir objeto de uma declaração. A generosidade, não: trata-se de agir, não em função de determinado texto, de determinada lei, mas além de qualquer texto, além de qualquer lei, em todo caso humana, e unicamente de acordo com as exigências do amor, da moral ou da solidariedade”.

Comte- Sponville

CAPÍTULO II

O FENÔMENO CHAMADO CYBERBULLYING

2.1 Cyberbullying nos tempos atuais

Como vimos, o *bullying* é um fenômeno antigo, mas seus estudos vêm ganhando destaque somente nos dias de hoje, devido à preocupação de muitos educadores, gestores, pais e professores. Contudo, outro fenômeno é tão preocupante quanto, e ainda é pouco explorado e estudado. Com a chegada e o crescimento acelerado da tecnologia, surgiu uma nova forma de intimidação, que ultrapassou o aspecto físico presencial - o *cyberbullying* - uma forma dissimulada de *bullying*, em que as agressões são virtuais

É caracterizado por agressões, insultos, difamações, maus tratos intencionais, contra um indivíduo ou mais, que usa para isso os meios tecnológicos. Avilés (2009) o define como uma forma de “assédio entre iguais através do celular e da internet”, em que as agressões são feitas “através das novas tecnologias de informação e comunicação, em espaços virtuais”. (p. 79)

Apresenta particularidades que o diferem de agressões presenciais e diretas e, interessantemente, o tornam um fenômeno que nos parece ainda mais cruel. Segundo Prados (2006), uma primeira diferença seria a exigência de uma forma mais sofisticada de pensamento. Contudo, são as próximas características que marcam o grau da crueldade: o assédio é público, há diversas maneiras de manifestar as agressões através das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), que podem ser indiretas e ocultas, o que potencializa o sentimento de fraqueza da vítima. Diferentemente do assédio

presencial, não há necessidade das agressões se repetirem, pois uma vez inserida a difamação na rede, se abre a mais pessoas rapidamente, devido à velocidade de propagação de informações nos meios virtuais, invadindo os âmbitos de privacidade e segurança

Assim como em casos de *bullying*, envolve um desequilíbrio de poder, há o controle de um indivíduo sobre outro que é mais vulnerável e mais fraco e que normalmente não tem condições de se defender. Os autores intimidam suas vítimas através de dois principais artefatos: computadores e telefones celulares. Por meio da internet, agressores podem enviar mensagens abusivas, obscenas ou difamadoras via e-mail, em sites de relacionamento (como Orkut, Facebook, Twiter) ou utilizando-se de programas de mensagens instantâneas (como MSN e Google Talk). Segundo Mason, há também a promoção de sites pessoais ou blogs que disseminam conteúdo difamatório. Mensagens agressivas e fotos podem também ser enviadas através de telefone celular⁵.

Hoje em dia é comum o jovem possuir um ou mais telefones celulares e ter acesso muitas vezes ilimitado e sem controle à internet, portanto, indivíduos, com intenções maliciosas, encontram grande facilidade de ameaçar ou insultar o alvo. E mesmo que lhe falte a intenção maledicente, há ainda uma espécie de “tornar normal” ou naturalizar essas formas de abuso, uma espécie

⁵ De acordo com uma pesquisa realizada na Espanha, por Avilés, (2009) há menor incidência de maus tratos via celular se comparado à Internet.

de “desengajamento moral”⁶ em que meninos e meninas, heterônomo acabam por justificar suas ações como “todo mundo faz” ou pela “moda” e, portanto, para “pertencer” a uma classe daqueles que estão “anteados” nos blogs, ou quaisquer outras formas de veiculação de suas intimidades ou de outrem.

Os indivíduos envolvidos no fenômeno assumem diferentes papéis. Há os agressores, que são que acreditam que são superiores e têm o direito de intimidar os outros; existem os alvos desse tipo de agressor, que acreditam ser diferentes ou inferiores. Há também os “vingadores”, que foram agredidos pelos outros e agora estão usando a Internet para se vingarem; e as vítimas dos vingadores que agrediram outros, e agora estão sendo intimidados através da tecnologia. Além disso, existem os espectadores que divulgam as mensagens, encorajam e apóiam o agressor; ou somente observam e não fazem nada para ajudar o alvo. Outros protestam contra o *Bullying*, e oferecem apoio à vítima (Mason, 2008).

O *cyberbullying* traz sérias conseqüências às vítimas como: depressão, baixa-estima, queda no desempenho acadêmico, angústia, medo, ansiedade e, em alguns casos suicídio. De acordo com Pradas (2006), embora se pareça com as conseqüências do *bullying*, os danos causados às vítimas de *cyberbullying* são maiores, pois a internet garante o anonimato do autor, o que

⁶ Bandura trata desde termo para explicar as ações e reflexões de um sujeito que tenta justificar suas escolhas não morais. (Iglesias, 2008)

dificulta os mecanismos de respostas e proteção á esses tipo de humilhações⁷.

De acordo com Mason (2008), a cada 10 adolescentes, 8 usam a Internet em casa, o que significa que o *Cyberbullie* pode agredir sua vítima quando não está na escola ou nas proximidades dela. Portanto, o lar pode não ser mais um refúgio seguro e os agressores não precisam mais de um local físico para molestar a vítima. Pode-se dizer que o bullying digitalizado é extensão do pátio da escola, onde as agressões podem continuar por longas horas depois do horário escolar. No entanto, para algumas vítimas, a Internet pode ser um lugar de vingança, podem ameaçar e intimidar os outros para compensar o fato de terem sido agredidos pessoalmente. Para os que só observam, a Internet abrange um numero muito maior de espectadores, que podem fazer um pré-julgamento da vítima.

Embora o *cyberbullying* frequentemente ocorra fora do ambiente escolar, é na escola que suas repercussões são refletidas, devido à popularidade da Internet e de outras tecnologias eletrônicas, como por exemplo, o telefone celular, introduzidas e presentes dentro da sala de aula. No Capítulo VII trataremos algumas considerações sobre o fato das proibições ao uso de celulares nas escolas: serão suficientes tais interdições?

O bullying digitalizado é uma manifestação violenta grave, que não pode ser tolerado, precisa ser pesquisado e divulgado, já que ocorre de maneira oculta no “mundo virtual” de crianças e jovens. Segundo Pradas (2006) a internet, de certa forma, desperta em alguns jovens o sentimento de que não

⁷ Já existem delegacias especializadas em crimes virtuais, mas poucas pessoas sabem.

existem normas, regras e nem moralidade que regule a vida na rede, de maneira que pode ser usada para o bem ou para o mal. Além de distanciar a vítima do agressor, que se sente seguro, já que não tem que estar cara a cara com o alvo, ainda traz conseqüências terríveis a quem sofre as agressões. Por isso é importante investigar esse fenômeno, para entendê-lo e elaborar recursos de prevenção e combate a essa manifestação violenta.

2.2 Um panorama geral das pesquisas sobre cyberbullying

Lenhart et al. (2005) apud Mason (2008) conduziram uma pesquisa para estudar os hábitos on-line de adolescentes. De uma amostra de 1.100 adolescentes com idades entre 12 a 17 anos e seus pais, mais da metade dos adolescentes (51%) relataram que usam a Internet diariamente. Quase 74% usam mensagens instantâneas para se comunicarem com seus amigos, e quase metade destes, gasta de 30 a 60 minutos por sessão. Em outro estudo, Ybarra and Mitchell (2004a) apud Mason (2008) pesquisaram 1.498 adolescentes com idade entre 10 a 17 anos e descobriram que aproximadamente 24% dos adolescentes mandaram por e-mail material que dizia coisas odiosas a respeito de outra pessoa, aproximadamente 26% dos adolescentes usavam as salas de bate-papo diariamente, e 25% dos adolescentes relataram que usam mensagens instantâneas todos os dias. Essas descobertas indicam que a tecnologia se tornou uma enorme influência na vida diária das adolescentes de hoje.

Conduzimos recentemente uma pesquisa com adolescentes entre 13 a 15 anos, alunos de duas escolas públicas de Campinas, que responderam a

perguntas sobre o uso da internet. Constatamos que 64% desses jovens têm acesso á internet em casa, 17% ficam conectados até 6 horas por dia, 44% acessam preferencialmente o Orkut e 32% o MSN. Os dados demonstram que os adolescentes, quando estão em casa, passam muito tempo ligados á internet e em grande parte desse tempo se relacionam com outros sujeitos a partir de sites e programas de conversas instantâneas. (Zamboni e Bozza, 2010).

Wolak et al.(2006) apud Mason (2008) conduziram pesquisas telefônicas com 1.501 usuários, entre 10 a 17 anos, que usam a Internet regularmente. Os pesquisadores fizeram duas perguntas, a primeira era se em alguma vez, no passado já havia se sentido “ preocupado ou ameaçado porque alguém está lhe aborrecendo ou ameaçando on-line”, e a segunda era se “alguém está usando a Internet para ameaçar-lhe ou desconcertar-lhe, mandando mensagens sobre você para outras pessoas saberem”. 9% de usuários adolescentes disseram que eles foram molestados on-line no ano que passou, 28% deles disseram que tinham “feito comentários rudes ou indecentes para alguém na Internet,” e 9% disseram que eles tinham “ usado a Internet para molestar ou desconcertar alguém, pois eles estavam muito bravos.” Além disso, 6% disseram que alguém estava perturbando-os ou molestando-os on-line, e 3% disseram que alguém havia enviado mensagens sobre eles para outros saberem.

Do mesmo modo, Patchin and Hinduja (2006) apud Mason estudaram experiências de *bullying* com 384 adolescentes que usam a Internet e descobriram que em média 29% deles relataram terem sido vítimas on-line,

quase 11% dos respondentes admitiram que intimidaram outros on-line e 47% testemunharam casos de *cyberbullying*. 50% foram desrespeitados, 30% foram xingados, uma média de 20% dos adolescentes declararam terem sido ameaçados. Os pesquisadores também acharam que muitas vítimas (quase 60%) foram afetadas negativamente por comportamentos on-line na escola, em casa, ou com amigos. Essas descobertas indicam que o *cyberbullying* está ocorrendo e afetando negativamente muitos adolescentes.

Em outro estudo, Li (2006) apud Mason (2008) pesquisou 264 alunos da 7ª à 9ª séries e descobriu que quase a metade dos alunos foi intimidada on-line, 34% tinham molestado outros de forma tradicional, quase 17% tinha intimidado outros usando ferramentas de comunicação eletrônica, e uma média de 53% dos alunos relataram que eles conheciam alguém que tinham sido molestados on-line. Quando experiências de *cyberbullying* do sexo feminino e masculino foram consideradas separadamente, 22% do sexo masculino e perto de 12% do sexo feminino foram molestados on-line.

Wolak et al. (2006) apud Mason (2008) descobriram que 30% de adolescentes com incidentes de molestoamento são muitos ou extremamente descontrolados, 24% são muitos ou extremamente assustados e, 22% são muitos ou extremamente inoportunos. Além disso, 34% tinham um ou mais sintomas de estresse, incluindo o afastamento da Internet, incapazes de parar de pensar no incidente, sentindo-se nervoso, apreensivo ou irritável, e/ou perdendo o interesse pelas coisas. Em casos de angústia, 64% disseram que tinham pelo menos um sintoma de estresse. Por fim, adolescentes que relataram comportamentos de autores, são mais propensos em desenvolver

problemas de comportamento, bebidas, fumo, sintomatologia depressiva, e baixo empenho escolar (Ybarra & Mitchell, 2004^a apud Mason 2008).

Avilés em 2009 realizou uma pesquisa com 730 jovens, na Espanha, para investigar as diferenças entre a prática de cyberbullying através de celular e internet entre alunos de educação secundária (Ensino fundamental II). Diferenças entre sexo e êxito escolar: prevalência, duração, modo, reação e sentimentos produzidos pelo assédio através de celular e internet foram observados. Constatou que os alvos e os agressores são majoritariamente os jovens do sexo masculino, ao contrário de outros países como por exemplo Japão e Coréia do Sul onde as meninas são mais agredidas e agredem mais que os meninos. Constatou que os autores apresentam níveis altos de fracasso escolar, e os alvos que são agredidos através da internet apresentam níveis altos e baixos de êxito escolar. Além disso, são as meninas que se sentem pior quando são vítimas de agressores tanto por celular quanto pela internet, embora prefiram as formas indiretas de agressão.

Ainda que os insultos, maus tratos, agressões, calúnias, humilhações, difamações ocorram com maior frequência por meio da internet, o celular também é usado para tal e é um dos principais artefatos contemporâneos utilizados pelos jovens. Constatou-se através de uma pesquisa no exterior, que quase metade dos adolescentes (45%) possui um telefone celular, destes 51% disseram que na maioria das vezes, conversam usando textos através de mensagens instantâneas (Lenhart, Madden, & Hittin, 2005, apud Mason, 2008). Esses dados se assemelham às observações que realizamos em duas escolas da cidade de Campinas, durante 06 meses, onde constatamos que mais de

70% dos alunos possuem telefone celular e fazem o uso deste durante as aulas para se comunicar com outros alunos. (Zamboni e Bozza, 2010)

Apesar dos esforços de alguns pais em monitorar o comportamento de seus filhos na internet, algumas pesquisas constataam que a maioria dos adolescentes hesita em revelar a um adulto, que foram molestados pela Internet ou por outros meios. Ybarra and Mitchell (2004b) apud Mason (2008) descobriram que somente 24% contaram a um dos pais, 14% contaram para um professor, 41% contaram para um amigo, e 28% não contaram a ninguém. Li (2005) apud Mason (2008) também descobriu que apenas 30% dos alunos contaram a um adulto. Essas pesquisas indicam que os alunos revelam pouco, ou não revelam informações a um adulto de sua confiança, assim como ocorre no *bullying*.

A Internet permite que os agressores espalhem rumores e fofocas a uma audiência muito mais extensa. Além disso, é provável que alguns alunos usem a Internet para estender o *bullying*; não necessitando mais dos espaços físicos para agredir, caluniar, falar mal de outros alunos. Agora os agressores usam um espaço virtual, o *ciberespaço*, que permite uma maior e mais rápida distribuição de informações; o que significa que o *bullying* e *cyberbullying* são problemas significativos entre os adolescentes dentro e fora da escola.

CAPÍTULO III

NOVAS MODALIDADES DE RELACIONAMENTO

*“Há uma mudança substancial a ser feita na estrutura dos valores pessoais,
no que é admirável aos olhos de nossos jovens, do que é ‘indignável’,
do que se sentem vergonha”.*

Luciene Tognetta

CAPÍTULO III

NOVAS MODALIDADES DE RELACIONAMENTO: O USO DA INTERNET

3.1 As definições sobre Ciberespaço

O termo *Ciberespaço* foi inventado por William Gibson na década de 80, foi citado pela primeira vez em seu livro "Neuromancer". Tratava-se de uma realidade que se organiza através da produção de um conjunto de tecnologias, enraizadas na sociedade, e que acaba por modificar estruturas e princípios desta e dos indivíduos que nela estão inseridos, definido por ele como: "uma alucinação consensual, realizada diariamente por milhões de operadores no mundo inteiro" (Gibson, 1982, apud Faustino e Oliveira, 2008, p. 184). O sociólogo Pierre Lévy (1999) define *Ciberespaço* como "o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores".

Não se trata de um espaço físico, mas um espaço intocável, imaginário, onde circulam dados originados pelas novas tecnologias de informação e comunicação, as TICs, que resultam numa forma específica de interagir, assim definem Faustino e Oliveira "as novas formas de comunicação que estão se popularizando a cada dia, como sites, salas de bate-papo virtuais, comunicadores instantâneos, celulares, entre muitos outros, funcionam como 'janelas para o Ciberespaço'. E continuam os autores: "É através deles que podemos entrar no Ciberespaço e desenvolver uma série de relacionamentos,

que muitos se assemelham ao que temos no mundo real, mas com limitações próprias do mundo virtual". (idem, 2008)

As TICs proporcionam novas modalidades de relacionamento, que permitem que o usuário estabeleça personalidades virtuais, reais ou não, já que apenas com o uso de um "*nickname*" podem ser quem quiserem. É nesse contexto que alguns encontram a possibilidade de apresentarem atos abusivos, violentos ou mal intencionados, já que a internet permite o anonimato (Junior, Matos, Pereira). As agressões virtuais, na verdade, são ofensas reais, não só por que partem do mundo real, mas por que, de fato, acontecem. (Faustino e Oliveira, 2008).

O sentimento de anonimato presente na internet pode favorecer a desinibição, que de acordo com Mason (2008) é "baseada no anonimato que o ciberespaço dá aos indivíduos, e permite que se soltem, tendo assim, a liberdade de se expressarem mais abertamente. E continua o autor "o anonimato associado com a Comunicação Mediada por Computador (CMC) mostra muitos aspectos de papéis aceitos socialmente, levando a Internet a agir como uma arena potencial para atos agressivos e dando liberdade aos adolescentes para serem mais rudes, ríspidos, desagradáveis em suas críticas; e instilando raiva, ódio, ou até mesmo ameaçando indivíduos" (idem 2008).

A sensação de invisibilidade no *Ciberespaço* pode levar autores de *cyberbullying* a revelar um caráter que não demonstram ter fora do *Ciberespaço*. Assim, eles podem evitar a responsabilidade pelos seus atos e comportamentos, o que pode reduzir o medo de serem pegos e punidos. No

Ciberespaço os agressores encontram a possibilidade de abandonarem os controles sociais comuns e se tornarem mais impulsivos e irracionais, de acordo com Mason (2008) "um estudo americano mostrou que os adolescentes acreditam que a Internet os liberta para que sejam eles mesmos, verdadeiros"

3.2O uso do site de relacionamento preferido entre os jovens brasileiros, o *Orkut*, para a prática do *cyberbullying*.

Um dos meios virtuais, presente no *Ciberespaço*, no qual ocorrem essas novas maneiras de se relacionar é o *Orkut*. O maior site atual de relacionamentos do mundo e suas comunidades virtuais permitem a comunicação entre pessoas de qualquer lugar do planeta, conhecidas ou desconhecidas. Esse site, criado por Orkut Buyukkokten, funcionário do Google (site de busca mais usado no mundo), possibilita uma nova forma de sociabilidade: as chamadas "redes sociais".

As relações acontecem a partir da inserção do usuário na rede, que então estabelece vínculos com outros, pautados em interesses comuns. Esse usuário conhece alguém, que conhece alguém e assim o *Orkut* possui hoje aproximadamente 6 milhões de usuários. Dentre eles 70% são brasileiros. De acordo com Faustino e Oliveira (2008) o sucesso no Brasil, comparado a outros sites do gênero, se deve ao fato do *Orkut* possuir muitas ferramentas para o usuário criar sua identidade virtual.

O cadastro é simples, apenas com uma conta de email e senha, o *Orkut* cria uma página pessoal para você. Em seguida o usuário já pode montar o seu

“perfil” como desejar. Pode se identificar com uma foto e registrar suas informações pessoais.

Há espaço para indicar suas características físicas: cor dos olhos, cor do cabelo, altura, tipo físico, arte no corpo (pirings e tatuagens) e aparência. Há ambiente para a auto-descrição, nos tópicos: quem sou eu, o que mais gosto mim, o que me atrai, o que não gosto nos outros, primeiro encontro ideal, coisas que não consigo viver sem, e o que aprendi com relacionamentos passados. O usuário também pode indicar seu estado civil, sua idade, o dia do seu aniversário, cidade onde mora, seus interesses no Orkut, se tem filhos, sua etnia, religião, orientação sexual, se bebe ou fuma, suas preferências musicais, sua profissão, etc. Portanto, o usuário, se desejar, pode “escancarar” sua vida na internet, ou criar um perfil que não condiz com a realidade, para garantir uma “boa imagem” diante dos outros.

Há um local para postar fotos e vídeos e outro destinado aos amigos que fazem parte da sua rede. As páginas dos “amigos” podem ser acessadas com um simples clique e todos eles têm acesso ao seu perfil, além de poder interagir com qualquer um deles através de recados rápidos ou “scraps”.

Existe também, neste site, um local que se destina às comunidades virtuais. Elas são criadas por qualquer pessoa que possui um cadastro no site e são constituídas por usuários que se identificam com o tema abordado por ela. A partir do momento que o usuário se insere na comunidade que quer participar (é possível participar de quantas comunidades quiser) ele pode conversar ou debater com outras pessoas da mesma comunidade (conhecidas ou não), expondo seus sentimentos e opiniões sobre o tema abordado por ela, e até mesmo promover encontros entre os membros da mesma comunidade.

Há a alternativa para o usuário criar uma comunidade anonimamente, em que sua foto é omitida e no lugar do nome aparece “anônimo”. Assim como são criadas comunidades que elogiam alguém, outras são criadas para humilhar, ofender ou agredir uma pessoa, que pode ou não ser usuária do *Orkut*.

Neste site o internauta encontra a possibilidade de falar de si, expor seus problemas, seus sentimentos e parte de sua vida íntima. Deste modo o que deveria pertencer à esfera privada, ganha caráter público. A personalidade, enquanto característica individual pode ser representada como um “eu”- real ou não- no *Ciberespaço*, onde o usuário pode criar seu perfil a partir da imagem que tem de si ou construir a personalidade virtual que almeja, sem nenhum compromisso com a realidade, podendo incluir as características que desejar. Logo, há formas particulares de exposição, nas quais o usuário pode escolher a personalidade que ele deseja transmitir aos demais.

O *Orkut* é o site de relacionamento preferido entre os jovens. Numa recente pesquisa, constatamos que muitos alunos, usam a internet para acessar preferencialmente o *Orkut* (Zamboni e Bozza, 2010).

Tivemos acesso a alguns perfis criados por eles e observamos que muitos destes jovens realmente expõem suas vidas reais publicamente, seus sentimentos, suas preferências e suas opiniões sobre diversos assuntos. Muitos postam fotos que divulgam sua vida pessoal, mostrando sua casa, seus familiares e amigos. Estes jovens utilizam o *Orkut* constantemente para se comunicarem: conversam, brincam, paqueram, dão conselhos, elogiam. Observamos que há muita demonstração de carinho entre amigos, mas há também xingamentos, insultos e agressões.

O *Cyberbullying* é um ato ilícito dentro de uma extensa lista de crimes que ocorrem por meio da internet. Sabemos que atualmente são freqüente casos de pedofilia, atividades neonazistas, assédios, difamações, etc. via internet. No *Orkut* não é diferente, a exposição de uns é grande, e ao mesmo tempo permite o anonimato de outros, desta forma, torna-se um meio vulnerável para ocorrência de crimes, atos mal intencionados ou violentos, como por exemplo: o *Cyberbullying*.

De acordo com Faustino e Oliveira (2008) há no mínimo quatro maneiras de praticar o *Cyberbullying* no *Orkut*: postar recados ofensivos no perfil do alvo, enviar-lhe mensagens pessoais, criar um falso perfil para o alvo, ou criar uma comunidade para humilhá-lo.

Como vimos, o *Cyberbullying* nos sites de relacionamento pode ser ainda mais grave que nos demais meios de comunicação e mais grave que o próprio fenômeno *Bullying*, pois não há necessidade de repetição das manifestações violentas contra o alvo. Uma vez divulgadas as agressões na internet, se perpetuam no espaço e no tempo e podem ser vistas por qualquer usuário, induzindo o pré-julgamento do alvo por aqueles que acessarem o conteúdo maldoso.

Um caso recente que testemunhamos, ilustra a gravidade de propagação do *Cyberbullying* no *Orkut*. No início do ano letivo de 2010, a coordenadora de uma escola do interior do Estado de São Paulo, recebe o pai (P) de um aluno (D.) dizendo que iria denunciar um outro aluno da escola (J.), por que ele estava zombando o filho dele através do *Orkut*. A coordenadora entra em contato com os pais de J. e pede que verifiquem se a acusação

procede. Os pais conversam com J. que diz que no início de 2009 não gostava de D., "ele me enchia o saco e então eu xingava ele" e por isso criou uma comunidade no Orkut que zombava do aluno, exaltando uma característica física dele. J. diz que em meados de 2009 a pedido dos pais e da escola, eles conversaram e se tornaram amigos, mas que não sabia excluir a comunidade que criou para D. Quase 1 ano depois da criação da comunidade, mesmo com o conflito aparentemente resolvido entre os dois, o conteúdo difamatório ainda estava disponível para quem quisesse ver, e assim D. continuava a se insultado por outros alunos.

O *Cyberbullie "J"* conseguiu construir uma imagem negativa para o alvo, que se perpetuou no espaço e no tempo, via uma comunidade do Orkut. Mesmo com o cessar das agressões de J. , ainda restaram os comentários maldosos que eram vistos por qualquer um que acessava a comunidade, o que contribuía para a continuidade das agressões e para o pré-julgamento do alvo.

Provavelmente, existam hoje inúmeros casos como este. Muitos alvos, agressores e espectadores envolvidos em fenômenos de *Cyberbullying* no Orkut. Mas o que explica esse fenômeno? Por que inúmeras pessoas se tornam vítimas, agredem ou apenas assistem o sofrimento do outro? A psicologia traz contribuições que tentam explicar as causas que levam alguém a se envolver em casos de *bullying*.

CAPÍTULO IV

O FENÔMENO BULLYING E CYBERBULLYING DO PONTO DE VISTA PSICOLÓGICO

"Eduquem os meninos e não será preciso castigar o Homem".

Pitágoras

CAPÍTULO IV

O FENÔMENO BULLYING E CYBERBULLYING DO PONTO DE VISTA PSICOLÓGICO

De acordo com os estudos da psicologia é natural do ser humano buscar o tempo todo se dar valor ou buscar uma “boa imagem de si”. (Adler, 1955; La Taille, 2002) . Essa busca por uma boa imagem pode estar relacionada ou não a valores morais.

O *bullying*, enquanto um conflito representa um grande perigo ao valor que nos damos, pois quem o sofre tem uma grave alteração na estima que tem de si, passando a não reconhecer em si um valor.

Provavelmente, as causas que levam as pessoas a se envolverem neste fenômeno, vêm de um problema anterior às relações interpessoais: um problema ligado à constituição de “quem eu sou”, ou de “quem eu quero ser”, ou seja, ligado às representações de nós mesmos, à nossa identidade. Assim, “não é o contexto que determina tais condutas agressivas, assim como não é a genética a grande vilã dessa história, e sim como esses meninos e meninas se vêem diante desse meio e constroem suas personalidades integrando tudo aquilo que foram valorizando durante suas vidas...” Por certo, “como se vêem e querem ser vistos, portanto, pode nos levar a explicar o porquê de se comportarem como vítimas e agressores” (Tognetta e Vinha, 2009).

A personalidade é um conjunto de representações que o sujeito tem de si, que podem levá-lo a dar-se maior ou menor valor. Agir ou sofrer o *bullying* dependem da maneira como o sujeito se vê. Um sujeito que se vê como

inferior, que se conforma, que se deixa agredir, pode se tornar uma vítima de bullying. Um sujeito agressor pode impor sua força para tornar o outro pequeno, da forma como se vê.

Da mesma maneira, pela necessidade de se sentir "pertencente" a um grupo social, muitas vezes, meninos e meninas são vítimas de *bullying* para se tornar "igual", o que leva a permitirem as agressões, os insultos, as difamações, os assédios de outro (os).

Por outro lado, o comportamento agressivo de alguns sujeitos se deve ao fato de não conseguirem ter um "pensamento reversível", ou seja, considerar o ponto de vista do outro e o seu. Um agressor não consegue contrapor suas necessidades e as do outro, constatar as diferenças de seu ponto de vista com o de outro e respeitá-lo.

Além disso, os adultos também influenciam na constituição de uma identidade frágil ou forte de uma criança ou jovem. Quando convivem com pais ou professores, que xingam, expõem suas intimidades, humilham, há uma grande possibilidade de se tornarem vítimas ou agressores, pois na convivência com adultos violentos e autoritários, aprendem que a força física e a agressividade é valor e passa a resolver seus problemas com violência, primeiro por imitação e depois, por aspirar essa imagem para si (Tognetta, 2005). Segundo Piaget (1920) "as características que compõem uma identidade, ou seja, as características que atribuímos a nós mesmos e ao outro são todas valores". Por certo, todos nós temos "um conjunto de valores pessoais que podem traduzir as experiências presentes e passadas bem como

aquelas as quais aspiramos. São esses valores que estarão presentes na 'personalidade' de cada um" (Tognetta e Vinha, 2009)

Quando meninos e meninas convivem com adultos que os proíbem de expressar o que sentem e o que pensam, dificilmente poderão ter condições de conhecer a si próprios e de gostar daquilo que são (Tognetta, 2004; 2005). Ao contrário, aqueles adultos que não impõem limites à criança, causam-lhe também graves problemas, pois "impedem que estas experimentem as perdas necessárias, o luto por não terem tudo o que querem, o sofrimento por uma consequência natural de seus atos. Por certo, "quem nunca sofreu uma perda, uma necessidade de esperar por algo que muito deseja, também pode precisar fazer com que o outro experimente seu sofrimento, causando-lhe bullying". (Tognetta, 2005)

No *bullying* tanto as vítimas quanto os agressores precisam de ajuda. A vítima porque perde o valor de si, o agressor, por que sofre uma inversão de sua escala de valores e carece do que já salientamos anteriormente: de sensibilidade moral.

Há algo mais que impulsiona, portanto, meninos e meninas a serem protagonistas dessas formas de violência presentes, quer seja em espaços físicos como em espaços virtuais. Se concordarmos com Adler (1955) que há no homem uma necessidade de superar-se, uma busca por uma imagem positiva de si, somos desafiados a pensar que as ações morais ou a falta delas, que vemos nas formas de *bullying* ou *cyberbullying* parecem corresponder a como são ou como querem ser vistos estes meninos e meninas (Tognetta e Vinha, 2010).

4.1 As representações de si

Estudos anteriores já comprovaram que há correspondência entre as representações de si, caracterizadas por conteúdos éticos e os julgamentos morais mais evoluídos.

Salienta-se por diferentes pesquisas (Piaget, 1954; Gilligan, 1982; La Taille, 2002; Tognetta, 2004; Tognetta e La Taille, 2009) que, embora a dimensão intelectual (razão) seja condição necessária à moral, não é suficiente, pois é preciso que haja um desejo, ou um "querer fazer", ou a vontade de agir moralmente. De acordo com Piaget há uma fonte energética desse "querer fazer"- a afetividade- e a partir das relações concomitantes entre o que se quer (intermediada pela afetividade) e como se chega a tais fins (os meios, pela inteligência) se forma a personalidade (ou a identidade ou as representações de si).

São as emoções ou os sentimentos que movem esse "querer fazer". As emoções têm um sentido mais primário, como por exemplo, a raiva; enquanto os sentimentos são considerados evoluídos, por que passam pelo arbítrio da razão, como a indignação, a vergonha, a honra, o arrependimento. Todos eles resultam de um julgamento sobre si e sobre o outro e consistem no que chamamos de afetividade, ou seja, "um conjunto de emoções e sentimentos investidos nas relações consigo mesmo e com os outros" (Tognetta, 2009).

Tal querer é um investimento e, portanto, aquilo que investimos é o que para nós é valor (Piaget, 1952) e que define como somos e o que aspiramos, esta é a nossa "personalidade". Nesse sentido a "personalidade ética" existe

quando os valores morais (ser justo, ser honesto, etc.) ocupam o centro de tais representações e, assim levam a pessoa a agir coerentemente com a moral.

Portanto para integrar à sua identidade ou às imagens que alguém faz de si um dever (moral) é preciso que o sujeito queira e lhe faça sentido (ética). Podemos dizer que a comoção aos estados afetivos de outros, depende dessas imagens, ou do próprio auto-respeito, que é a atribuição de valor moral a si próprio. Como comprovar tais questões? Os resultados de uma recente investigação na Psicologia Moral realizada com 75 estudantes de 12 a 15 anos de escolas particulares da cidade de Campinas, de nível socioeconômico médio-alto, que foram escolhidos aleatoriamente, puderam comprovar que existe relação entre os valores éticos associados às representações de si e a qualidade dos juízos morais. Por certo, as conclusões dessa investigação demonstraram que os deveres morais somente serão intimamente legitimados e inspirarão as ações dos indivíduos, por aqueles que possuem uma perspectiva ética, e que, portanto, tenham um sentido para a vida que leve em conta “a si mesmo e o outro”.

Foram realizados três estudos (La taille, Tognetta, 2009): o primeiro a respeito das representações de si, portanto sobre a dimensão ética; o segundo sobre juízos diante de situações dilemas envolvendo questões de generosidade, portanto, sobre a dimensão moral; e o terceiro que cruzou os dados dos dois primeiros a fim de encontrar a suposta relação entre moral e ética, e assim entre as representações que os sujeitos têm de si e como julgam a realidade quando se pensa na falta de um conteúdo moral, neste caso, a generosidade.

O primeiro estudo tratou do tema *admiração*. Solicitaram que os sujeitos dissessem o que admiram nas pessoas e o que acreditam que outras pessoas admiram neles próprios. O tema está diretamente relacionado às representações de si e permitiu verificar os tipos de "valores" que os indivíduos admiram: as individualistas, nas quais não há a inclusão de outrem (ser bonito, por exemplo); valores estereotipados, que correspondem a traços de caráter convencionais, como uma extensão do que é pressuposto culturalmente (como a boa educação, a simpatia); e valores morais (como a justiça, a generosidade).

Num segundo estudo procurou-se saber sobre juízos morais a respeito da generosidade. Foram criados três dilemas com ações generosas opostas: a primeira sobre a realização de um forte desejo pessoal, a segunda sobre a ordem contrária de uma figura de autoridade e a terceira sobre pressões contrárias do grupo social. Além destes, mais dois dilemas foram empregados para saber se os sujeitos se indignariam com situações de não generosidade ou com perdas próprias, pouco altruístas. A intenção foi verificar a força da legitimação moral da generosidade perante outros valores.

Portanto, foi com o terceiro estudo que se pôde verificar se os sujeitos que mais admiram virtudes morais como características do "eu", mais legitimam ações que envolvem a generosidade, ou seja, se haveria uma correspondência entre como são ou querem ser vistos e um conteúdo moral.

Assim, como resultado, se teve que esses adolescentes ainda concebem conteúdos éticos como admiráveis. No entanto, não exclui o fato de

que há outros valores presentes nessa geração que se distanciam da ética. Mas os dados revelaram que é possível que os jovens possam integrar as virtudes morais ao que admiram. Há também outro dado importante, aqueles que admiram conteúdos éticos são os que se mantêm atentos e que conservam nas duas respostas sobre a admiração mais valores morais. Concordando assim com teses de Piaget (1932/1994) a “autonomia” pressupõe uma conservação de valores.

Os resultados do segundo estudo destacaram uma diferença em termos de julgar a necessidade do ato generoso e estar sensível aos sentimentos dos envolvidos. Essa primeira perspectiva foi frequentemente tomada pelos participantes, mas não foi o que aconteceu quando se tratava de elucidar sentimentos morais como honra, vergonha, arrependimento ou culpa na ausência da generosidade.

Mas, são com os resultados do terceiro estudo que podemos inferir nossa tese, expliquemos: levar moralmente em conta os sentimentos dos outros “não é capacidade dos que julgam a generosidade correta, mas sim dos que parecem ter assimilado às suas próprias identidades uma perspectiva ética, ou seja, daqueles para quem a ‘vida boa’ inclui virtudes morais” (La Taille e Tognetta, 2009).

Isso posto, os sujeitos com perspectiva ética, estavam sempre sensíveis aos sentimentos dos personagens e apresentavam sentimentos morais. Aqueles cuja personalidade pode ser ética apresentaram-se muito mais

propensos ao reconhecimento dos sentimentos envolvidos no ato generoso e, portanto, muito mais sensíveis ao outro.

Dessa forma, podemos dizer que para formar uma “personalidade ética” é preciso haver uma correspondência entre as imagens de si e os conteúdos morais, ou que as representações que o sujeito tem de si busquem uma boa imagem, cujos conteúdos sejam éticos.

CAPÍTULO V

A PESQUISA EMPÍRICA

*"Todas as crianças levam um sinal:
Quero ser importante agora.
Muitos de nossos problemas
com delinqüentes juvenis
acontecem porque ninguém lê esse sinal".*
Dan Pursuit

CAPÍTULO V

A PESQUISA EMPÍRICA

Como já afirmamos anteriormente, a identidade ou a imagem que o sujeito tem de si no mundo virtual é uma extensão do que ele é na "vida real" ou o que deseja ser. Nesse contexto, discutir sobre como tais ações postadas no meio virtual manifestam ou se ausentam de características morais e éticas, é uma tarefa importante para quem sabe que as relações interpessoais nesta pós-modernidade são presentes também no Ciberespaço. Diante dessa perspectiva, temos o seguinte problema de pesquisa: **Haveria uma correspondência entre a imagem que o sujeito tem de si e o envolvimento no fenômeno *cyberbullying* no site de relacionamento "Orkut"?**

Dentre os inúmeros meios virtuais existentes no *Ciberespaço*, escolhemos o Orkut, como principal site de análise para este trabalho, por que, de acordo com outras pesquisas, é o site preferido entre os adolescentes, principais sujeitos de nosso estudo, e por ser um meio vulnerável e muito utilizado por sujeitos envolvidos em *cyberbullying*.

Assim, o objetivo desta pesquisa foi investigar se haveria uma relação entre as imagens que o sujeito tem de si (correspondente ao caráter individualista, estereotipado ou ético) e o envolvimento no fenômeno *cyberbullying* no site de relacionamento "Orkut". Verificar tal relação, bem como reconhecer outras características dos envolvidos nessa forma de violência como as questões de gênero, seus sentimentos e seus conhecimentos sobre as estratégias de segurança na internet foram também objetivos dessa

investigação, ainda que sempre atrelados à correspondência entre representações de si.

Como método de investigação de uma pesquisa de campo de caráter exploratório e quantitativo, utilizamos um questionário escrito para ser aplicado nas escolas selecionadas e respondido por adolescentes, alunos dessas escolas. Este questionário (ANEXO I) foi dividido em duas partes, a primeira se refere à imagem que o sujeito tem de si, baseado no primeiro estudo de La Taille e Tognetta (2009) cujo sentimento de admiração é a principal ferramenta de estudo. A segunda parte se refere ao uso do Orkut como meio para a prática do *cyberbullying*. Foi elaborado tomando como base outro questionário sobre *cyberbullying*, desenvolvido por professores da Faculdade de Educação da UNICAMP, membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral (GEPEM).

Escolhemos duas escolas públicas da cidade de Campinas, e aplicamos os questionários em uma sala de 8ª série de cada escola. A escolha, a princípio tanto das escolas como dos participantes dessa pesquisa foi por conveniência já que essa mesma amostra foi anteriormente contatada para uma pesquisa anterior realizada para um projeto de Iniciação Científica da Faculdade de Educação. Os 63 jovens participantes têm em média 14 anos e a maioria (92%) possui *Orkut*. O objetivo era que esses jovens respondessem as duas partes do questionário para depois podermos cruzar alguns dados e verificar se haveria relações entre "representações de si" e *cyberbullying* e suas características.

A maioria dos alunos respondeu as duas partes e posteriormente cruzamos os dados, a fim de verificar se os valores que os indivíduos admiram (individualistas, em que não há a inclusão de outrem - ser bonito, por exemplo; estereotipados, que correspondem a traços de caráter convencionais - como a boa educação, a simpatia; e morais - como a justiça, a generosidade), estão relacionados ao fato de que esses sujeitos sejam alvos, agressores, ou espectadores de manifestações violentas no Orkut e se/como se identificam com os sujeitos envolvidos.

Nossa hipótese é que os sujeitos cujas representações de si estão voltadas a características éticas tenham menor envolvimento nas atuações como autores de *bullying* no Ciberespaço.

Dessa forma, para atender a tais objetivos, os resultados obtidos foram agrupados em dois estudos que correspondem aos dois objetivos traçados. Acreditamos ser mais conveniente apresentar primeiramente as características do fenômeno *cyberbullying* para então depois estabelecer as relações com as representações de si. Por isso, os estudos seguem a seguinte ordem:

Estudo 1: A caracterização do *bullying* no Ciberespaço.

Este estudo é apresentado em seções que visam contemplar as diferentes características estudadas: a incidência do fenômeno e a presença de autores, alvos e espectadores; as relações entre gêneros, os sentimentos experimentados pelos personagens envolvidos e finalmente, o conhecimento das estratégias de segurança na Internet. .

Estudo 2: A correspondência entre representações de si e *cyberbullying*.

Neste estudo selecionamos as seguintes perguntas da primeira parte do questionário: "O que é preciso que alguém faça para merecer sua admiração?" e "O que as pessoas podem admirar em você?". Criamos cinco categorias para as respostas baseadas em Tognetta & La Taille (2009): 1. Caráter individualista, 2. Caráter estereotipado, 3. Caráter ético, 4. Aqueles que não sabiam, ou não quiseram responder e 5. Aqueles que não conservam a mesma característica nas respostas das duas questões.

Analizamos as respostas das duas questões. As que conservavam a mesma característica nas duas foram agrupadas nas categorias 1,2 e 3; os que não responderam uma ou as duas questões e os que não conservavam a mesma característica nas duas respostas, foram agrupadas nas categorias 4 e 5, respectivamente. Tal ação fora anteriormente destacada em estudos anteriores como uma possibilidade de apresentação de certo conjunto de representações de si a partir dos valores que se conservam (Tognetta & La Taille, 2009).

Posteriormente, cruzamos os dados de cada categoria com as repostas das seguintes questões "Você já foi vítima de insultos, agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus tratos ou intimidações por meio do Orkut?", "Você já insultou, agrediu, colocou apelidos pejorativos, fez ameaças, difamou, maltratou ou intimidou alguém usando para isso o Orkut?", "Você conhece alguém que já tenha sido vítima de insultos, agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus tratos ou intimidações por meio do Orkut?", "Considerando os atos de insultos,

agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus tratos ou intimidações por meio do Orkut, com qual dessas figuras você mais se identifica?”, “Em geral, como é o seu relacionamento com os colegas?” e “Você tem bons amigos? Quantos?” para também caracterizar as formas pelas quais sujeitos cujas representações de si se remetem à formas individualistas, a estereótipos sociais ou ao caráter ético se relacionam no *Ciberespaço*.

Passemos então para a apresentação e análise dos dados.

CAPÍTULO VI

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

“O que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesmo”.

Clarice Lispector

CAPÍTULO VI

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

6.1 Primeiro estudo: A caracterização do *bullying* no Ciberespaço.

Visando atender o nosso objetivo de caracterizar as formas de *cyberbullying*, em primeiro lugar, constatamos que, entre os alunos participantes da pesquisa, existe o uso do Orkut para a prática de *cyberbullying*: 20 alunos já foram vítimas de insultos, agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus tratos ou intimidações por meio do Orkut; 08 alunos já insultaram, agrediram, colocaram apelidos pejorativos, fizeram ameaças, difamaram, maltrataram ou intimidaram outra pessoa, usando para isso o Orkut; e 22 conhecem alguém que já tenha sido vítima de insultos, agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus tratos ou intimidações por meio do Orkut; conforme demonstra o gráfico a seguir:

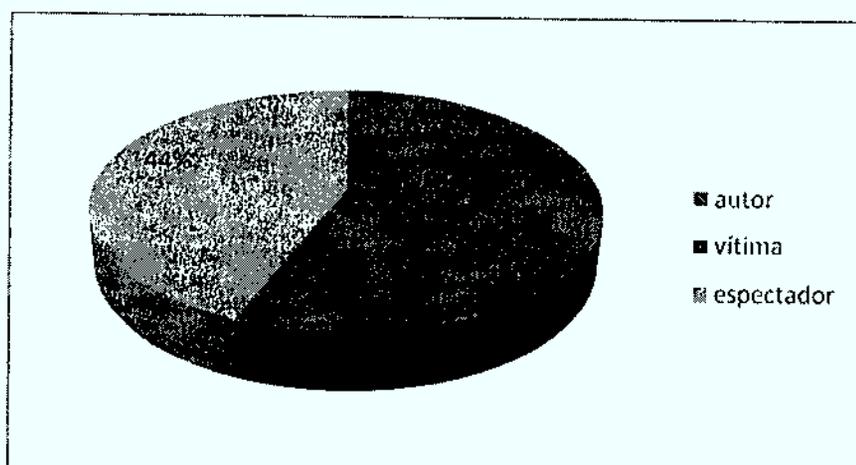


Figura 1 . Quantidade de autores, vítimas e espectadores de *Cyberbullying* no Orkut

Passemos a analisar cada uma dessas categorias.

6.1.1 Os participantes do *cyberbullying*

Categoria A – Os autores de cyberbullying

Do total de nossa amostra, 16% dos alunos disseram já terem sido autores de *cyberbullying* no Orkut. Destes, 25% disseram ter usado esse meio eletrônico para esse fim 01 vez, 12% usaram de 02 a 03 vezes, 25% usaram de 04 a 10 vezes e 38% disseram usar o Orkut para insultar alguém mais de 10 vezes. A figura a seguir nos permite visualizar esses resultados.

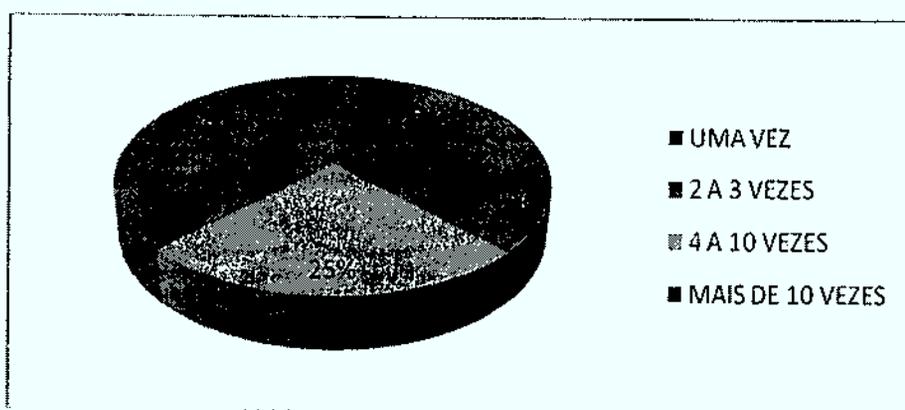


Figura 2. Quantas vezes usaram o Orkut para insultar outra pessoa

Ao usar esse meio 62% dos autores de *cyberbullying* o fazem identificando-se, 13% usando pseudônimo, e 25% anonimamente como demonstra a figura a seguir.

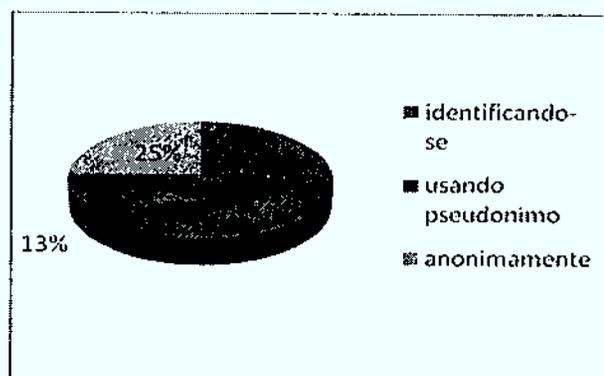


Figura 3. Quanto a identificação nas práticas de *cyberbullying*

Categoria B – Alvos ou vítimas de cyberbullying

Os alunos que disseram que já foram agredidos ou intimidados por meio do Orkut somam 40%. Destes, 65% disseram que foram alvo apenas 01 vez, 15% de 02 a 03 vezes, e 20% mais de 10 vezes como demonstra a figura a seguir.

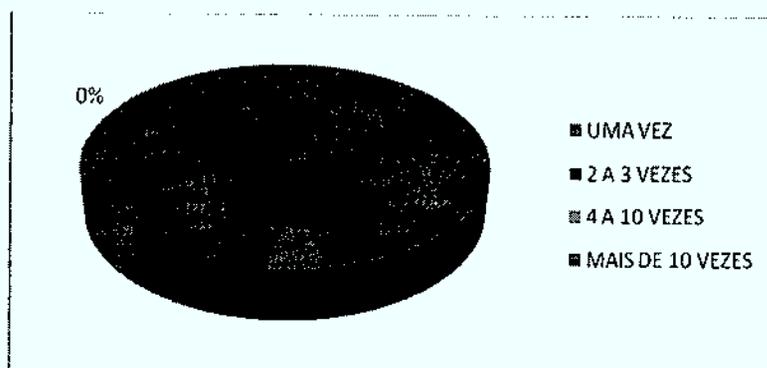


Figura 4. Quantas vezes foi alvo desse tipo de agressão

Contudo, quase ninguém ficou sabendo, pois 90% das vítimas não contaram aos adultos; 50% por que não deu importância ao fato⁸, 15% acharam que as agressões não teriam continuidade, e 10% não quiseram falar a respeito.

Perguntamos a esses alunos quais os tipos de agressões que sofreram por meio do Orkut e com que frequência tais fatos teriam acontecido. Contudo, infelizmente, tivemos um índice pouco expressivo de respostas a essa questão. Apenas 45% das vítimas responderam.

Ainda que apenas com 45% das respostas, podemos apontar que insultos, ofensas, ameaças, apelidos pejorativos, brincadeiras que

⁸ Segundo Leme (2006) quando uma pessoa não atribui importância ao fato como citado, dizendo que "não liga", na verdade demonstra uma dificuldade de enfrentamento do problema relacionado à agressão.

constrangem, inventar mentiras sobre a vítima são as agressões mais frequentes sofridas pelos alvos de *cyberbullying* como pode ser constatado na tabela que segue.

Quadro 1- Tipos e freqüência de agressões por meio do Orkut

	Nunca	1 vez	De 2 a 4 vezes	De 4 a 10 vezes	Mais de 10 vezes
Insultaram-me e me ofenderam	05	04	00	00	02
Fizeram ameaças	09	03	00	00	01
Fizeram brincadeiras ou gozações que me aborreceram ou me deixaram constrangido	05	04	01	00	01
Colocaram apelidos que me incomodaram	08	01	00	00	01
Inventaram mentiras a meu respeito	05	03	01	00	02
Falaram, comentaram ou mostraram algo pessoal, que eu não queria que os outros vissem ou soubessem.	09	00	02	00	01
Acusaram-me de algo que não fiz	07	03	01	00	01
Fui discriminado, fizeram gozações ou tiraram sarro de mim por usar óculos, ser pequeno, ser alto, ser magro, ser gordo, ser negro, ser branco, ser ruivo, etc...	05	03	00	00	02

Fizeram chantagens	09	00	00	00	00
Fizeram comentários maldosos sobre minha vida.	08	01	01	00	00
Forçaram-me a fazer algo que eu não queria	09	00	00	00	00
Humilharam-me por causa da minha opção sexual ou trejeitos	09	00	01	00	00

Categoria C- Espectadores

44% dos alunos disseram conhecer alguém que já foi vítima desse tipo de agressão por meio do Orkut. Desses, 36% adotaram a postura de permanecer "quieto", 4% divulgaram a mensagem para outras pessoas, 13% contaram para os colegas, 13% fizeram que não viram, 18% conversaram com a vítima, 9% tomaram outra atitude e 4% não fizeram nada. Observemos tais resultados na figura a seguir.

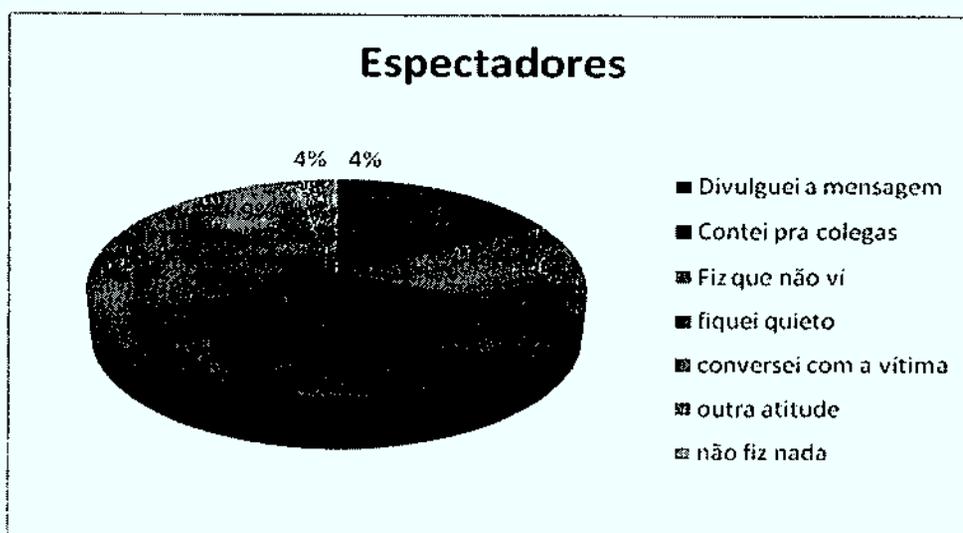


Figura 5. Atitudes tomadas pelo espectador

E quanto aos sentimentos dos envolvidos, haveria diferenças entre os autores, alvos e espectadores de *cyberbullying* quanto essa prática na internet? É o que passamos a discutir.

6.1.2 Quanto aos sentimentos dos envolvidos

Os sentimentos dos autores de cyberbullying

Perguntamos aos participantes o que sentiram quando insultaram, humilharam, agrediram outra pessoa, usando para isso o Orkut. Quase metade (46%) daqueles que disseram já terem sido autores dessas formas de violência afirmou ter sentido “satisfação” ao tomar essa atitude; 27% acharam que estavam sendo justos, 9% se sentiram vingados, ninguém se arrependeu, sentiu pena, ou sentiu-se envergonhado, como demonstra a figura a seguir.

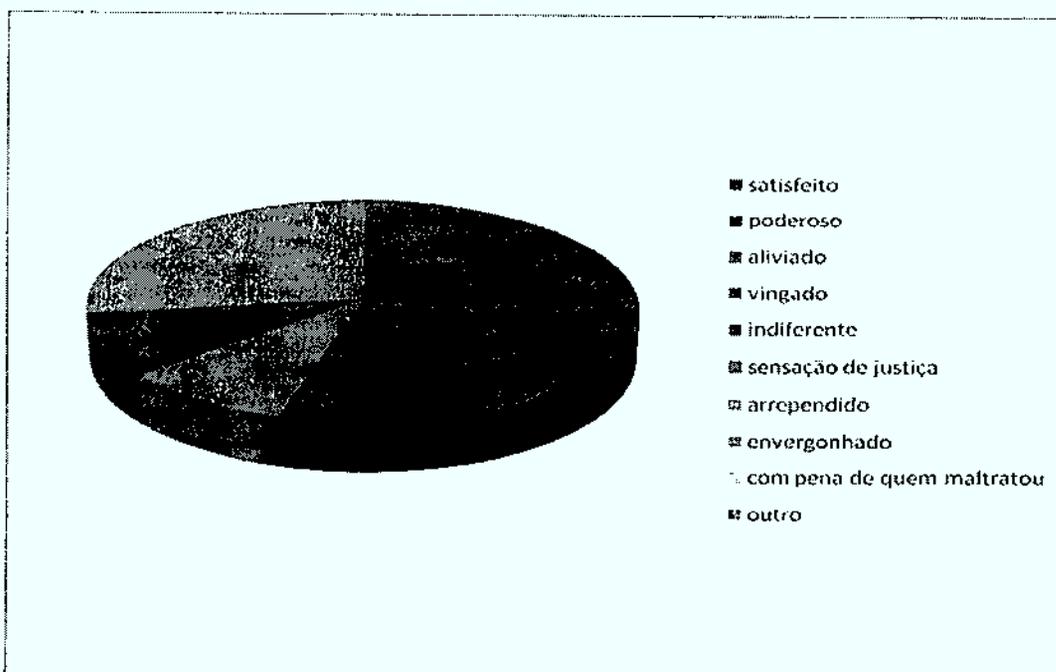


Figura 6. Sentimentos do autor ao utilizar o Orkut para agredir outra pessoa

Perguntamos também aos autores que ao mesmo tempo são espectadores (pois afirmaram que conheciam alguém que já teria sido alvo de *bullying*) qual sentimento experimentaram quando souberam o que estava acontecendo com a vítima, 25% achou graça da situação, 25% sentiram pena da vítima, mas 50% acharam que ela merecia estar nessa situação. Como a literatura confirma, os autores sentem prazer ao ver a dor alheia e acreditam que o fazem por que o outro merece sofrer. Com o auxílio da próxima figura, podemos visualizar melhor esses dados.

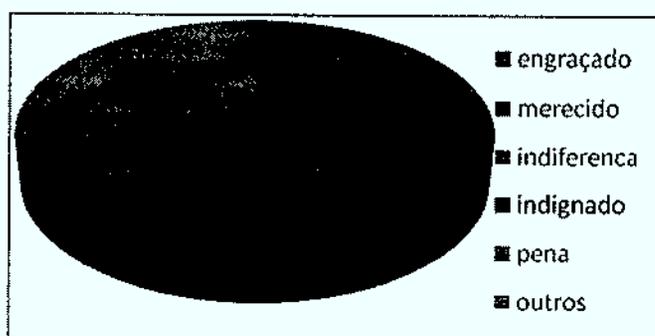


Figura 7. Sentimento de autor que conhece uma vítima

Os sentimentos dos alvos

Fizemos uma pergunta semelhante para aqueles que já teriam sido alvos ou vítimas dessas formas de intimidação via internet: o que sentiu quando foi agredido, maltratado, humilhado por outra pessoa que usou o Orkut para esse fim. Um elevado número de vítimas (34%) disse sentir raiva, outros 13% assinalaram como "revoltados" e ainda 6% indignados, o que nos sugere que meninos e meninas considerem-se injustiçados com essa forma de violência. Com o auxílio da figura a seguir é possível visualizar tais resultados.

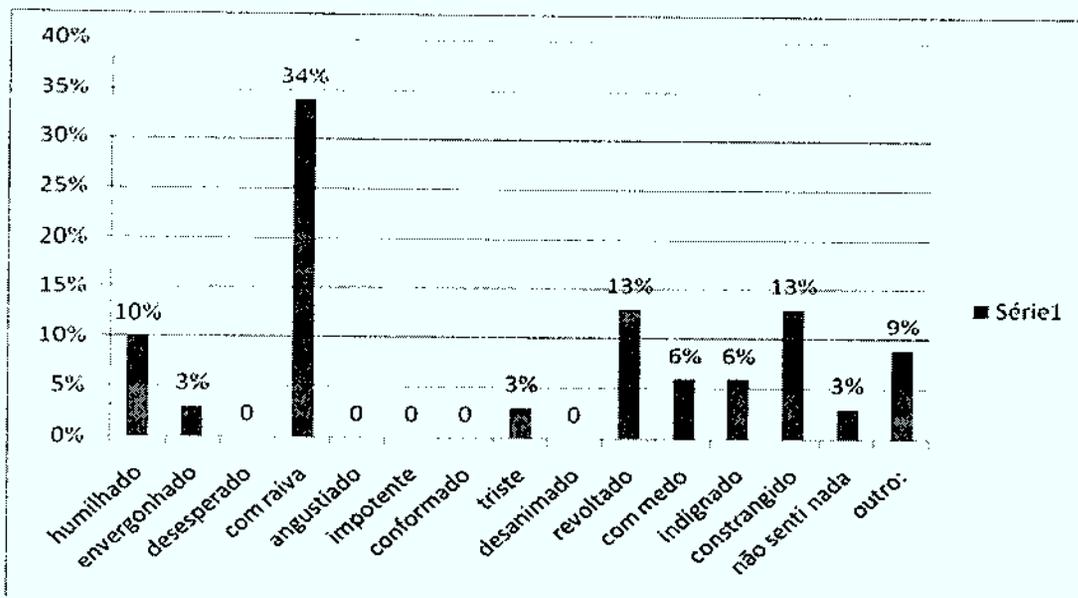


Figura 8 . Como a vítima se sentiu diante da situação

Fizemos outra pergunta para aqueles que disseram já terem sido alvos de *cyberbullying*: se conheciam outras pessoas que teriam sido vitimadas também por essa forma de violência. Também perguntamos aos participantes que indicaram já terem sido alvos de *cyberbullying* o que sentiam ao saber que essas pessoas teriam sido vítimas. Interessantemente, 30% das respostas indicam que as vítimas acreditam ser merecido o sentimento da outra pessoa também vitimizada.

Tal fato se aproxima da explicação que a literatura tem demonstrado entender sobre as características da vítima de *cyberbullying*, assim como do *bullying*: esse personagem parece concordar de certa forma com os insultos que são realizados contra si. Isso reforça a hipótese que elas se vejam como sujeitos inferiores e, portanto acreditam que quem é vítima merece sofrer: ainda que de forma inconsciente, esses meninos e meninas se vêem com menos valor e por isso não conseguem se ver livres dos constantes ataques de

seus algozes. (Tognetta, 2010^a; 2010b). A figura a seguir nos apresenta tais resultados.

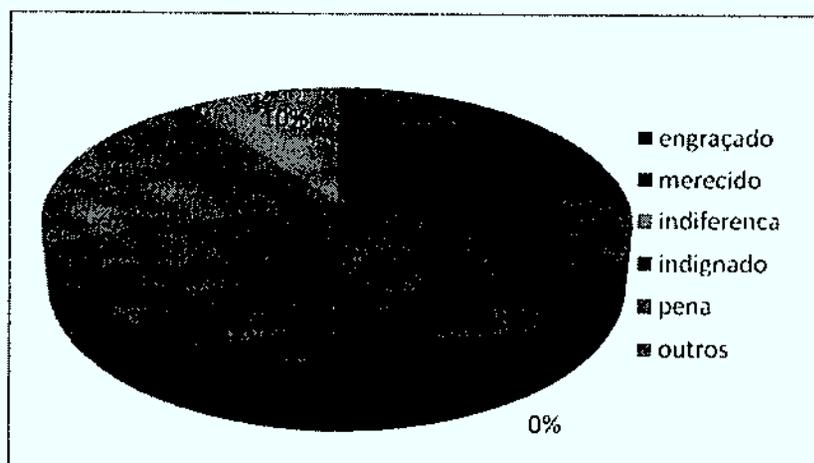


Figura 9. Sentimento experimentado por quem já foi vitimado quando soube o que estava acontecendo com outra vítima de *cyberbullying*

Os sentimentos dos espectadores de cyberbullying

Também perguntamos para os participantes que conheciam alguém que já tinha sido vítima de insultos, difamações, assédios por meio do Orkut e que não afirmaram terem sido autores ou sofredores dessa forma de violência, o que sentiram quando souberam o que estava acontecendo com outras pessoas que teriam sido vítimas de *cyberbullying*. O resultado pode ser visualizado com o auxílio da figura a seguir.

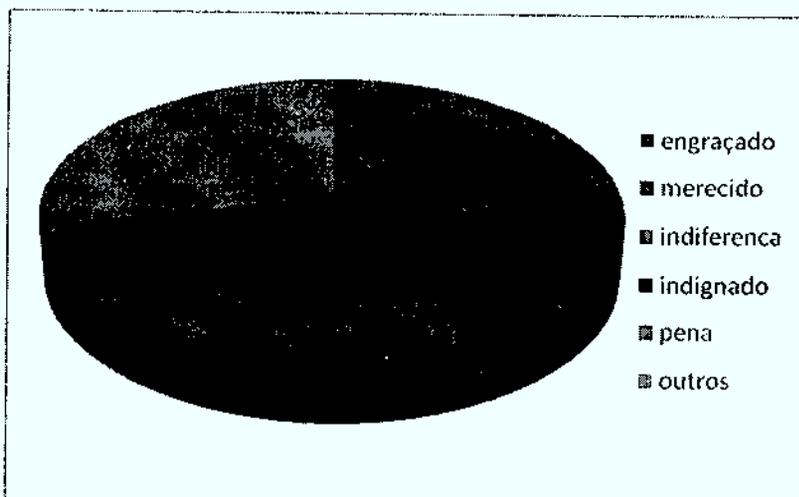


Figura 10 . Sentimentos dos espectadores

Pudemos constatar anteriormente que os agressores não se indignam quando sabem o que está acontecendo com uma vítima de *cyberbullying*. Acham engraçado e merecido, embora alguns sintam pena de quem se encontra nessa situação. Comte-Sponville (2005) nos lembra que piedade é um sentimento inferior, já que não é suficiente para levar alguém a agir bem. Vítimas espectadoras em parte se indignam com essas ações, contudo, como pudemos notar na figura anterior, os espectadores – nem autores, nem vítimas - são os que mais se indignam, fato que denota um passo a frente para que a violência na internet seja vista como uma injustiça a ser combatida. Mas indignar-se ainda não é suficiente para agir em defesa da vítima. Isso porque, possivelmente há entre os espectadores o receio de se tornar a “próxima vítima”, o que justifica sua inércia diante da situação, já que, como citamos, são capazes de se indignar-se, mas nada fazem para ajudar a resolver o problema.

E quanto ao gênero dos protagonistas do *cyberbullying*? Teremos diferenças entre autores, vítimas e espectadores? É o que apresentaremos no próximo estudo.

6.1.3 As características dos envolvidos segundo o gênero

De acordo com os resultados, constatamos que, em relação ao gênero, assim como na pesquisa que Avilés realizou em 2009 na Espanha, os autores e as vítimas são majoritariamente do sexo masculino. Quase metade das meninas pesquisadas (42%) são espectadoras e ao mesmo tempo observam mais. Os meninos se identificam mais com a figura da vítima. Observemos os dados no quadro a seguir:

Quadro 2- Quantidade de alunos do gênero masculino e feminino que já foram autores, vítimas e espectadores de *cyberbullying*

	Total pesquisado	Autor	Vítima	Espectador	Nenhum dos personagens
Masculino	37	07	14	11	05
Feminino	26	01	06	11	08
Percentual	100%	16%	40%	44%	20%

Podemos visualizar melhor tais resultados com o auxílio da figura a seguir.

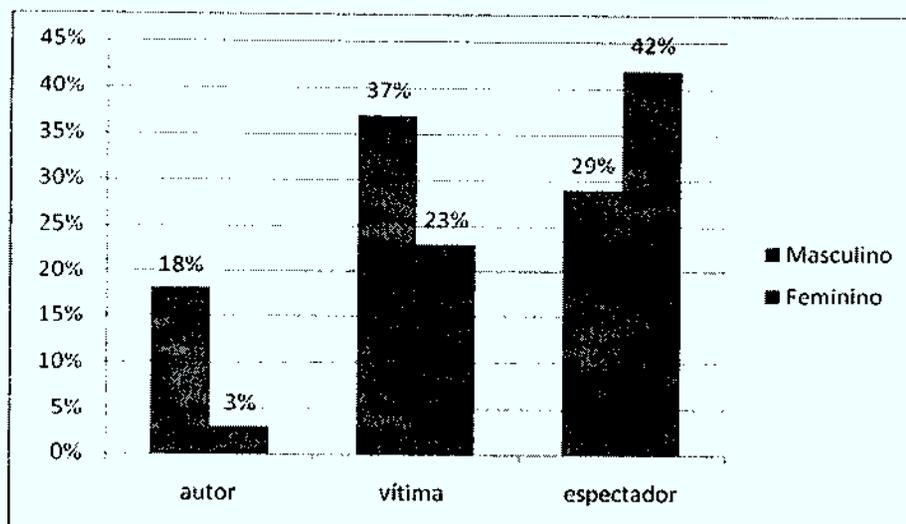


Figura 11. Alunos do gênero masculino e feminino que já foram autores, vítimas e espectadores de *cyberbullying*.

E quanto à relação entre gênero e representações de si? Vejamos o que nossos dados nos apontam.

Na relação entre o gênero e as representações de si, constatamos que os meninos (32%) possuem caráter mais individualista do que as meninas (23%), e são os que menos conservam a mesma característica nas respostas das duas questões (27%). Metade das meninas possui caráter estereotipado, contra 24% dos meninos. As meninas apresentaram mais respostas correspondentes ao caráter ético (15%) em relação aos meninos (10%) dados que parecem corroborar aqueles anteriormente destacados de que as meninas seriam menos autoras de *cyberbullying*. A figura 12 nos auxilia na visualização desses resultados.

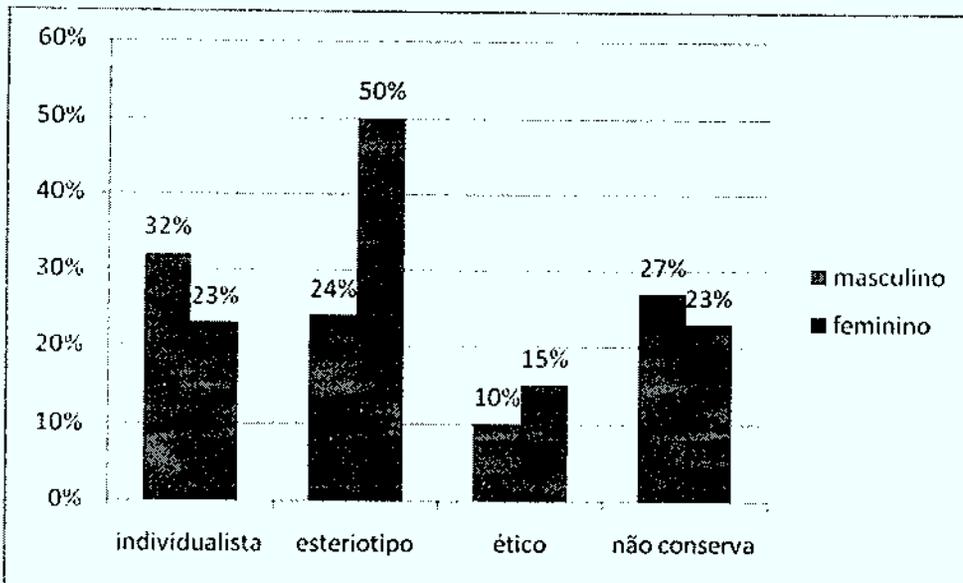


Figura 12. Correspondência entre Gênero e representações de si

Perguntamos aos participantes da pesquisa sobre qual o sentimento que experimentaram em relação às vítimas quando souberam o que estava acontecendo. Com o auxílio da figura a seguir, podemos observar os resultados obtidos.

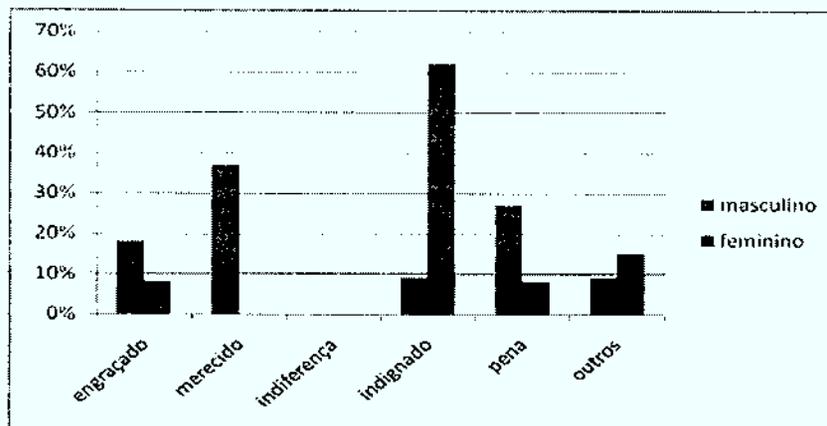


Figura 13. Sentimento que experimentaram quando souberam o que estava acontecendo

As meninas se indignam mais quando outra pessoa é agredida e nenhuma delas acha que a vítima merece esse sofrimento. Se relacionarmos

ao fato delas apresentarem mais respostas de caráter ético e tomarmos esse “achar merecido” como referência, as meninas parecem perceber mais que a ação agressiva não é justa. O sentimento de indignação mais experimentado por elas pode comprovar isso. Os meninos se destacam quanto à pena. Isso, claro, embora achem “engraçado” tais ofensas, um pouco mais que as meninas. Tomando tais resultados como um todo, parece-nos que as meninas estão mais sensíveis ao fato de que seja o *cyberbullying* uma forma de violência, dados que corroboram com os primeiros apresentados nesse terceiro estudo.

Finalmente, ainda visando caracterizar as formas de agressão chamadas de *cyberbullying*, apresentamos agora os dados que tivemos quanto a nossos participantes serem conhecedores das estratégias de segurança na internet.

6.1.4 O conhecimento das estratégias de segurança de navegação na Internet:

Perguntamos aos alunos se conhecem estratégias de segurança do espaço virtual: 67% disseram conhecer tais estratégias e apenas 33% afirmam não conhecerem. A maioria dos autores (75%), das vítimas (70%) e dos espectadores (81%) de *cyberbullying* em Orkuts afirma conhecer tais estratégias como demonstra a série de gráficos incluídos na figura a seguir.

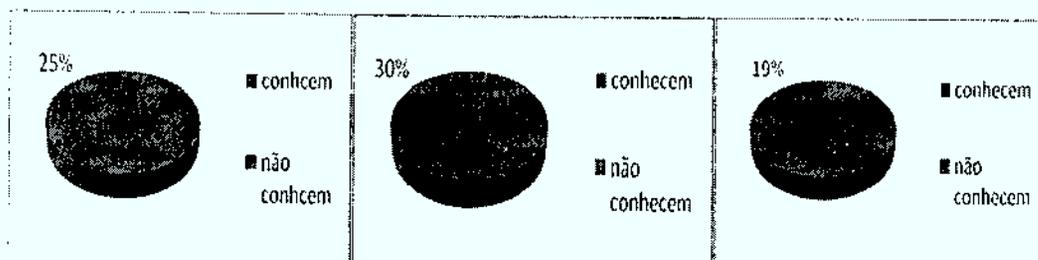


Figura 14. Autores, vítimas e espectadores que conhecem estratégias de segurança no espaço virtual

Daqueles que conhecem 50% aprendeu sozinho. A escola é a que menos ensina as estratégias, o que evidencia a falta de preparação para lidar com o problema, como podemos visualizar com o auxílio da próxima figura.

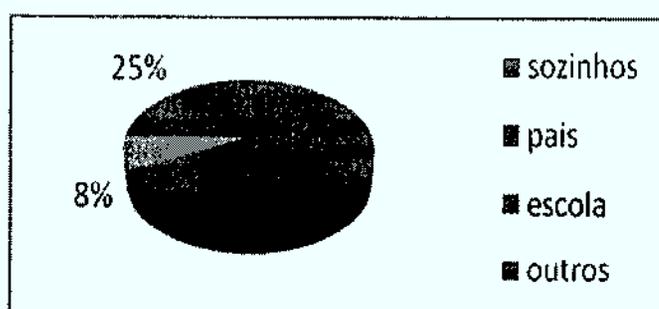


Figura 15. Como aprendeu estratégias de segurança do espaço virtual

A incidência do *cyberbullying* entre nossos 63 participantes da pesquisa bem como as características quanto ao gênero, quanto aos sentimentos experimentados quando envolvidos com o problema e quando assistem a outros serem vitimizados assim como o conhecimento das normas de segurança na internet foram destaque deste nosso primeiro estudo. Cumprido o primeiro objetivo desta presente investigação quanto a caracterizar as experiências de *cyberbullying* entre os sujeitos dessa pesquisa, passemos agora a discutir o tema central desta pesquisa: encontraremos uma

correspondência entre essas características apresentadas e as representações que os sujeitos têm de si? É o que passamos a discutir com nosso segundo estudo.

6.2 Segundo Estudo – Correspondências entre *cyberbullying* e representações de si

Para responder a nosso problema sobre a possível correspondência entre a violência na internet chamada de *cyberbullying* e as representações que os sujeitos entrevistados têm de si, as respostas às perguntas sobre o que admiram nos outros e o que podem admirar em si foram organizadas em três categorias segundo os estudos de Tognetta (2006). Acrescentamos duas novas categorias, a primeira para aqueles que não conservam a mesma característica nas respostas das duas questões, o que significa que não há uma manutenção das imagens que o sujeito tem de si e a segunda relativa à ausência de respostas, pois a própria autora, na apresentação dos dados da pesquisa realizada com 150 adolescentes brasileiros e suíços, já apontava para um futuro interesse nas respostas deixadas em branco ou em que os sujeitos afirmavam não terem o que admirar.

A princípio, apresentamos as três primeiras categorias em que foram inseridas as respostas de nossos participantes. Dos alunos que participaram da pesquisa 18 deram respostas que foram consideradas de caráter individualista, 23 deram respostas cuja admiração é pelo estereótipo social, e 08 deram respostas nas quais o outro está incluído, o que apontam para um "caráter ético como podemos visualizar com auxílio da figura a seguir.

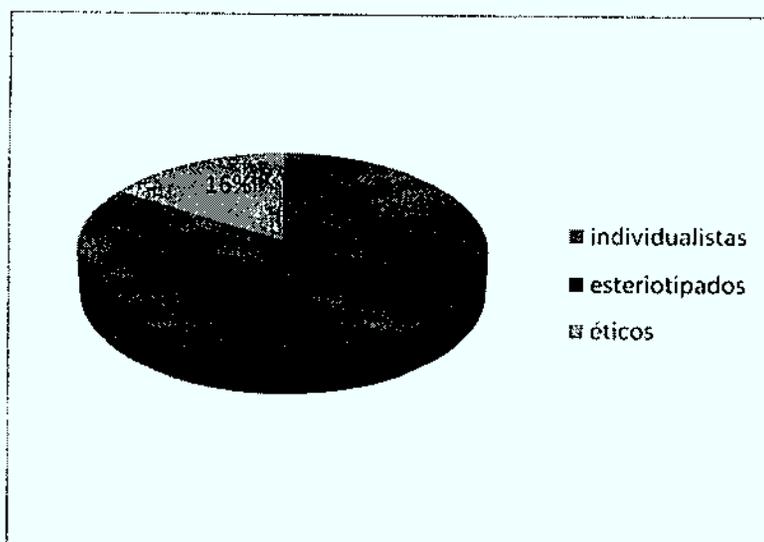


Figura 16. As representações de si

Passemos a caracterizar cada uma das categorias encontradas.

6.2.1 Categorias das representações de si

Categoria 1 – As respostas que se referem a certo individualismo

Dos 63 alunos que participaram da pesquisa, 18 (12 meninos e 06 meninas), o que corresponde à 28%, deram respostas que foram consideradas de caráter individualista, em que não há a inclusão do outro. A seguir, algumas respostas para as perguntas “O que as pessoas podem admirar em você?” e “O que é preciso que alguém faça para merecer sua admiração?”, que ilustram as características das respostas dos alunos enquadrados nessa categoria:

“ Meus lábios e inteligência e na maioria das vezes bati recorde de perguntas de quantos quilos tenho”.

“ Meu jeito bobão, extrovertido, meio louco de ser! Tem algumas meninas que falam que sou bonito isso e aquilo”.

“ Que seja legal, que goste de mim como amigo e que me dê atenção”.

Destes, considerados individualistas, 16% disseram já terem insultado alguém através do Orkut, 27% foram vítimas de insultos através do Orkut e 38% disseram conhecer alguém que já foi vítima. Tais resultados podem ser constatados com o auxílio da próxima figura.

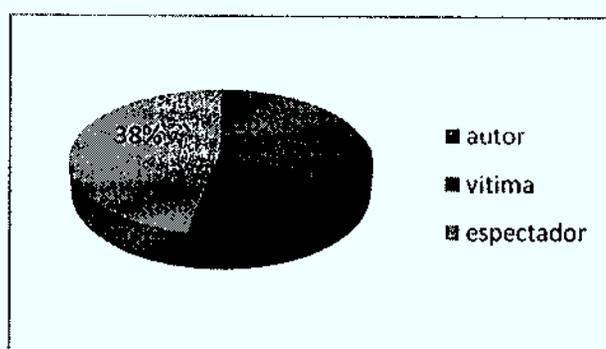


Figura 17. Alunos que deram respostas consideradas de caráter individualista e o envolvimento com *cyberbullying* no Orkut

Quando perguntamos com qual figura se identifica mais, 6% responderam que com a figura do agressor e 6% com a da vítima; 12% com aquele que encaminha ou divulga as mensagens, e 31% com aquele que sabe quem faz as ameaças, mas não participa delas. No quadro a seguir podemos constatar tais resultados.

Quadro 3 - Alunos que deram respostas consideradas de caráter individualista e com qual figura se identificam mais:

	Total	Aquele que toma atitudes ameaçando outras pessoas	Aquele que é ameaçado	Aquele que encaminha ou divulga as mensagens	Aquele que somente observa
Individualistas	18	03	01	01	11
Percentual	100%	19%	6%	6%	69%

Perguntamos a esses alunos como é o relacionamento com os amigos. Constatamos que 78% têm um bom relacionamento, 17% têm um relacionamento nem bom nem mau e 5% disseram que tem um relacionamento ruim. Em seguida, perguntamos sobre a quantidade de amigos bons e verdadeiros na escola, 01 aluno respondeu que não tem nenhum amigo, 02 responderam que tem 02 amigos, 08 disseram ter entre 02 a 04 amigos verdadeiros e 07 responderam que tem mais de 05 amigos na escola. A conclusão que chegamos: meninos e meninas cujas imagens de si refletem conteúdos individualistas, em sua maioria, possuem muitos amigos e afirmam se relacionarem bem com eles, como podemos constatar com o auxílio da figura a seguir.

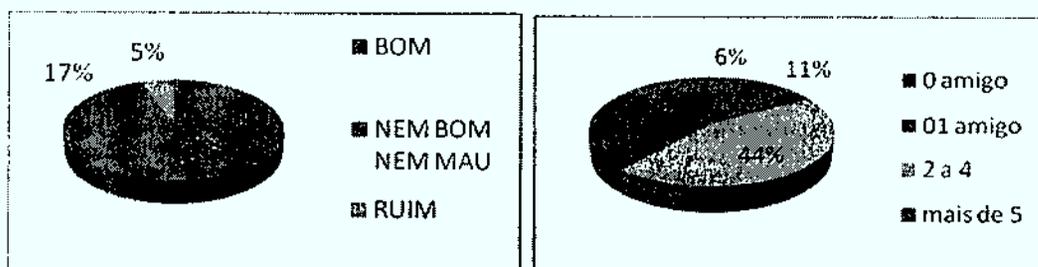


Figura 18. Alunos que deram respostas consideradas de caráter individualista, relacionamento com amigos e quantidade de amigos

Os autores de *cyberbullying* são 'populares' como podemos notar. Tais dados corroboram aqueles encontrados na literatura sobre o *bullying* (Tognetta, 2008; 2010; Fante, 2004).

Categoria 2 – As respostas que se referem a conteúdos de caráter estereotipado

Dentre o total de alunos, 23 (10 meninos e 13 meninas) deram respostas cuja admiração é pelo estereótipo social, aquelas que correspondem a traços de caráter convencionais, tomados como "modismos" ou tornados popularmente comuns entre comunidades ou culturas ou então, nas respostas dadas, não há clareza quanto a estarem se referindo a valores que podem e devem ser relacionados a qualquer pessoa. Muitas vezes, nesta categoria, encontramos respostas que trazem já conteúdos éticos, mas ainda vinculados a relações próximas ou apenas ao bem a si. Para ilustrar as características dessa categoria selecionamos as seguintes respostas para as duas perguntas sobre *admiração*:

" Sinceridade, pois falo tudo o que penso. Honesta, se tenho um bom papo".

"Minha sinceridade, gentileza... e muitas outras coisas".

" A beleza, a inteligência, alegria, simpatia, bondade, etc..."

Destes alunos, 9% disseram ser autores de *cyberbullying*, 31% vítimas e 31% espectadores. Vejamos esses resultados no quadro a seguir

Quadro 4 - Alunos que admiram estereótipos sociais e envolvimento no fenômeno *cyberbullying* no Orkut:

	Total	Autor	Vítima	Espectador
Estereotipados	23	02	07	07
Percentual	100%	9%	31%	31%

Aqueles que se identificam com os autores somaram 18%, nenhum deles se identifica com a vítima, 18% se identificam com aqueles que encaminham ou divulgam as mensagens e 36% disseram que se identificam com aqueles que sabem quem faz as ameaças e conhece quem as recebe, mas não participa delas. O quadro a seguir aponta para tais resultados.

Quadro 5 - Alunos que admiram estereótipos sociais e com qual figura se identificam:

	Total	Aquele que toma atitudes ameaçando outras pessoas	Aquele que é ameaçado	Aquele que encaminha ou divulga as mensagens	Aquele que somente observa
Estereotipados	23	04	00	04	08
Percentual	100%	18%	00	18%	36%

Em relação à quantidade e relacionamento com amigos, 91% têm um bom relacionamento, 9% nem bom nem mau, e nenhum aluno disse que tem um relacionamento ruim, assim como nenhum aluno respondeu que não tem amigos; 9% disseram ter 01 amigo, 46% dos alunos disseram ter entre 02 a 04 amigos e 46% mais de 05 amigos. Como auxílio da figura a seguir composta por dois gráficos, podemos visualizar melhor esses resultados.

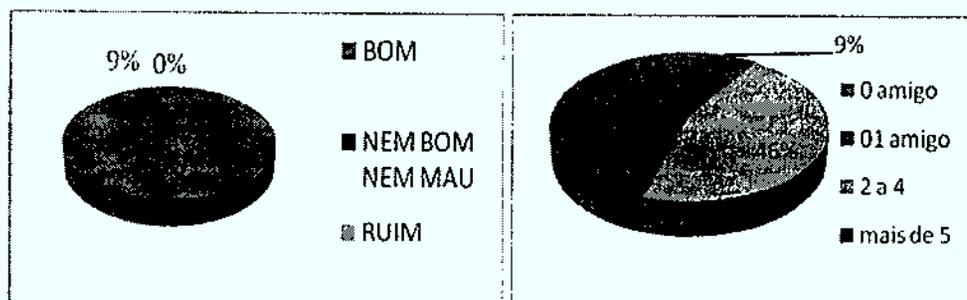


Figura 19. Alunos que admiram estereótipos sociais, relacionamento com amigos e quantidade de amigos

Categoria 3 – As respostas que apresentam um caráter ético

Dos 63 alunos, apenas 12% deram respostas consideradas éticas, nas quais o outro está incluído, para quem a "vida boa" inclui virtudes morais. Vejamos as respostas que exaltam tais características:

“Eu tenho de assumir responsabilidade e ter respeito, fora isso, só quero que admirem em mim a força de vontade que não só eu, mas todos têm de ter para vencer na vida”.

“É preciso que seja bem honesto e que saiba respeitar as pessoas do jeito que elas são”.

"Eu sou sincera, sei respeitar as pessoas, sou carinhosa, mas, como todo mundo, tenho defeitos e qualidades."

"Acho que minha maior qualidade é a lealdade".

"Ser sincero no que diz não ser mentiroso, dividir os seus segredos com seus amigos, mas, sobretudo não trair seus amigos".

Nenhum dos alunos que apresentaram caráter ético afirmou usar o Orkut para agredir alguém, 62% disseram já terem sido vítimas desse tipo de agressão e 25% disseram conhecer alguém. Tais respostas podem ser visualizadas na figura a seguir.

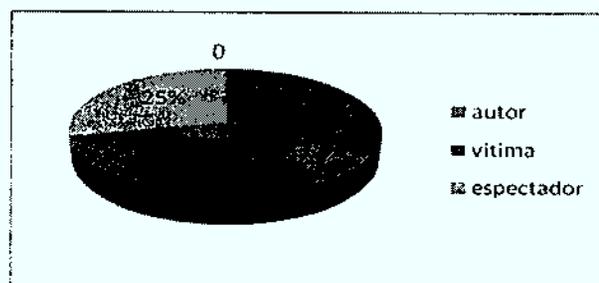


Figura 20. Alunos que admiram características éticas e envolvimento no fenômeno *cyberbullying* no Orkut

Quadro 6 - Alunos que admiram características éticas e com qual figura se identificam mais

Total	Aquele que toma atitudes ameaçando	Aquele que é ameaçado	Aquele que encaminha ou divulga as	Aquele que somente observa

		outras pessoas		mensagens	
Éticos	08	01	02	02	01
Percentual	100%	12%	25%	25%	12%

Nenhum aluno da categoria dos éticos tem um relacionamento ruim com os amigos, 06 alunos disseram ter um bom relacionamento com os amigos e 02 disseram que o relacionamento não é bom nem mau. 01 aluno disse não tem amigos, 02 alunos têm 01 amigo, 04 alunos têm de 2 a 4 amigos e 01 tem mais de 05 amigos.

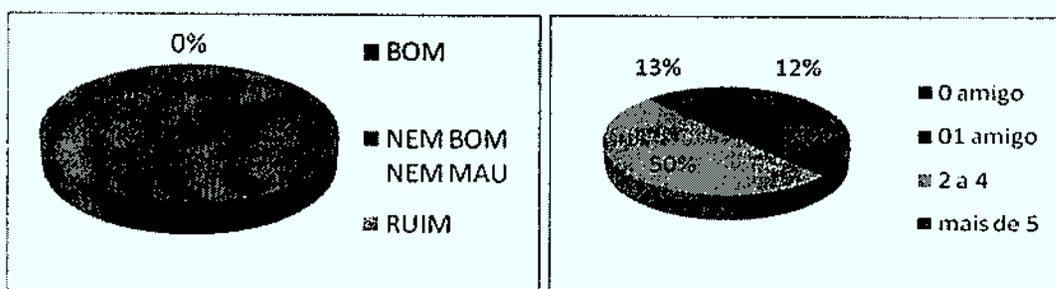


Figura 21. Alunos que admiram características éticas, relacionamento com amigos e quantidade de amigos

A última categoria (éticos) é a que apresentou maior percentual de vítimas (62%). E de acordo com nossa hipótese inicial os alunos que deram respostas consideradas éticas não são autores de *cyberbullying*. Parecem-nos que eles conseguem incluir o outro em suas ações e priorizar os valores morais.

Categoria 4 - aqueles que não conservam a mesma característica nas respostas das duas questões:

Verificamos que 23% dos alunos não conservaram a mesma característica em suas respostas, o que significa que não há uma conservação

das imagens que o sujeito tem si. Alguns demonstraram traços de caráter individualista na primeira questão e na segunda, traços de caráter ético, como por exemplo, para a pergunta sobre “o que uma pessoa faz que você possa admirar?” o participante responde ““Ser leal à minha amizade” (grifo nosso: embora cite um conteúdo moral, a lealdade, faz referência a si próprio) e para a questão “o que as pessoas podem admirar em você?”o mesmo sujeito responde “A bondade e o carinho que eu tenho com as pessoas” (grifo nosso: neste momento, o participante se inclui no universo de quem recebe uma ação moral).

Outros alunos deram respostas com traços de caráter estereotipado na primeira questão e na segunda questão de caráter individualista: “Ser sincero, simpático, atencioso, etc.” (simpatia, atenção se referem a conteúdos de caráter, mas não necessariamente dizem respeito a questões éticas, restando somente a sinceridade como um conteúdo moral) e “ O jeito que eu sou, que eu converso, que eu brinco e o jeito que eu falo” (não há expressão de conteúdos morais).

Destes alunos, 18% já agrediram alguém, usando para isso, o Orkut, 25% já foram vítimas e 31% espectadores. A maioria (31%) se identifica mais com a figura daquele que sabe quem faz as ameaças, conhece quem as recebe, mas não participa delas conforme podemos observar no quadro a seguir.

Quadro 7 - Alunos que não conservam a mesma característica nas respostas

sobre admiração: com qual figura se identificam

	Total	Autor	Vítima	Espectador	Identifica-se com autor	Identifica-se com a com a	divulgando a	Só observa

						vítima	mensagem	
Não conservam	16	03	04	05	01	01	02	05
Percentual	100%	18%	25%	31%	6%	6%	12%	31%

Do total daqueles que não conservam uma mesma categoria para formar suas representações de si, 69% têm um bom relacionamento com os amigos, 25% nem bom nem mau e 6% disseram ter um relacionamento ruim como os amigos. A maioria (69%) relata ter mais de 5 amigos. A figura a seguir que contempla dois gráficos sobre tais questões pode nos auxiliar na visualização desses resultados.

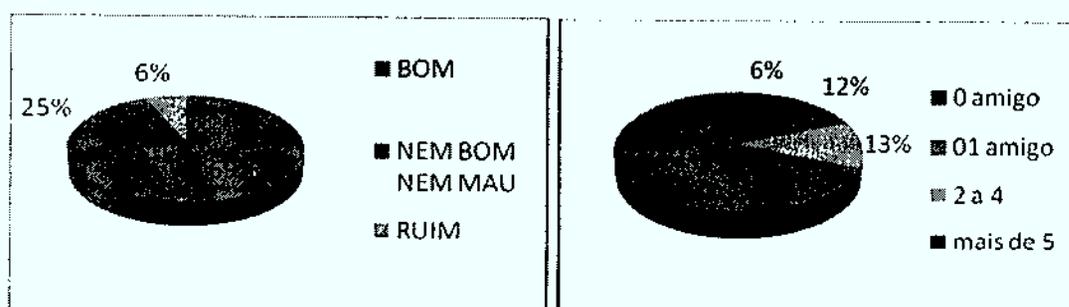


Figura 22. Alunos que não conservam as mesmas características nas respostas das duas questões relacionamento com amigos e quantidade de amigos

Categoria 5 - aqueles que não responderam por que não sabem ou não quiseram responder:

Observamos que 17% dos alunos não responderam a uma ou as duas questões, deixaram em branco, ou escreveram “não sei”. Atualmente, há uma pesquisa do Grupo de Psicologia e Educação Moral em desenvolvimento que investiga o porquê não sabem responder a essas questões. Reflete-se sobre a hipótese de que tais sujeitos tenham dificuldade de atribuir a si um valor. Por

essa razão, acreditamos ser conveniente constatar quais foram as características das respostas apresentadas por esses meninos e meninas.

Vejamos que destes, 18% disseram ter agredido alguém usando o Orkut para isso, 36% já foram vítimas desse tipo de agressão e 46% espectadores. Metade deles se identifica com aquele que sabe quem faz as ameaças e conhece quem as recebe, mas não participa delas, como demonstra o quadro a seguir.

Quadro 8 - Aqueles que não responderam por que não sabem ou não quiseram responder: com qual figura mais se identificam

	Total	Autor	Vítima	Espectador	Identifica-se com autor	Identifica-se com a com a vítima	divulgando a mensagem	Só observa
Não responderam quanto a admiração	11	02	04	05	01	01	01	03
Percentual	100%	18%	36%	46%	16%	16%	16%	50%

Os que têm um bom relacionamento com os amigos somam 70%, 30% nem bom nem mau e 80% disseram ter mais de 5 amigos verdadeiros na escola, conforme denota a figura a seguir.

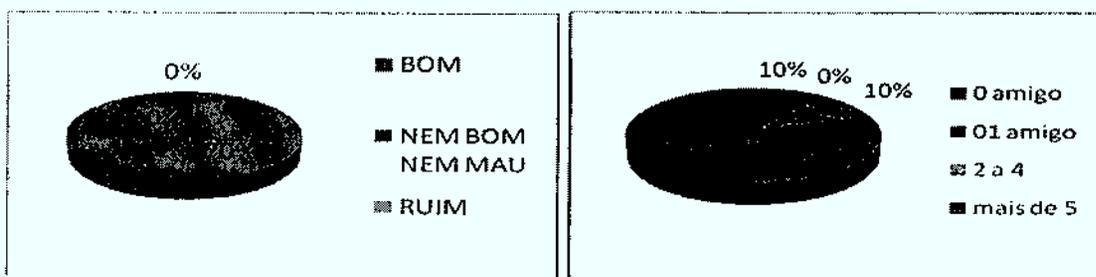


Figura 23. Aqueles que não responderam por que não sabem ou não quiseram responder, relacionamento com amigos e quantidade de amigos

Em resumo, comparando todas as categorias encontradas

Para finalizar a apresentação dos resultados que encontramos em nossa investigação decidimos estabelecer mais algumas comparações agora tomando o ponto de vista daqueles que afirmam já terem sido vítimas, agressores ou já assistiram ou souberam de agressões na internet: o que cada grupo admira ou quais suas representações de si?

Do ponto de vista das vítimas...

Em relação às características admiradas pelas vítimas, 20% deram respostas consideradas individualistas, 32% estereotipadas, 20% éticas, 16% não responderam e 12% não conservam a mesma resposta para as duas questões, conforme a figura a seguir.

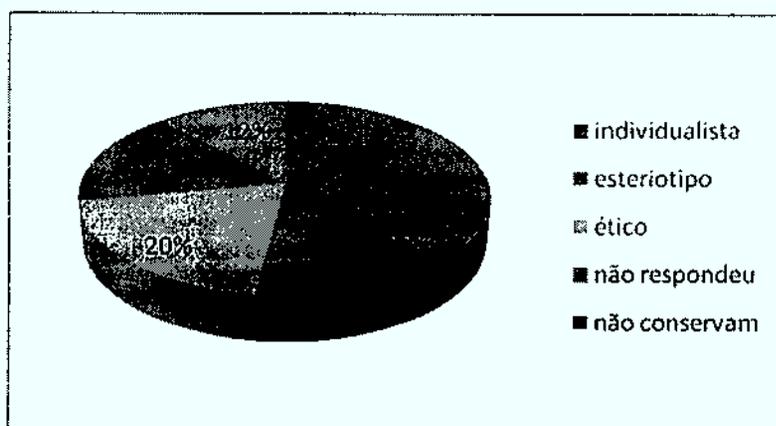


Figura 24. Características admiradas pelas vítimas

Meninos e meninas que são vítimas de agressões na Internet parecem portanto, oscilar entre as características admiráveis com conteúdos morais e conteúdos individualistas e ainda permanecem apreciando como valor, aquilo que é socialmente desejável.

Em relação ao sentimento experimentado por essas vítimas que conhecem outras vítimas, daquelas que apresentaram características individualistas, 20% acreditam que a vítima merece sofrer tais agressões; entre as vítimas que deram respostas de caráter estereotipado, 14% acham que vítima merece, e daquelas que apresentaram respostas caracterizadas por conteúdos éticos, nenhuma acha que a vítima merece.

Essas mesmas características são também marcadas para os que são espectadores e autores de *cyberbullying*? É o que veremos.

Do ponto de vista dos espectadores...

44% dos alunos disseram conhecer alguém que já foi vítima desse tipo de agressão por meio do Orkut. Quais seriam as representações que meninos e meninas que são espectadores têm de si? Desses, grande parte deram respostas que foram consideradas individualistas e estereotipadas, como podemos observar:

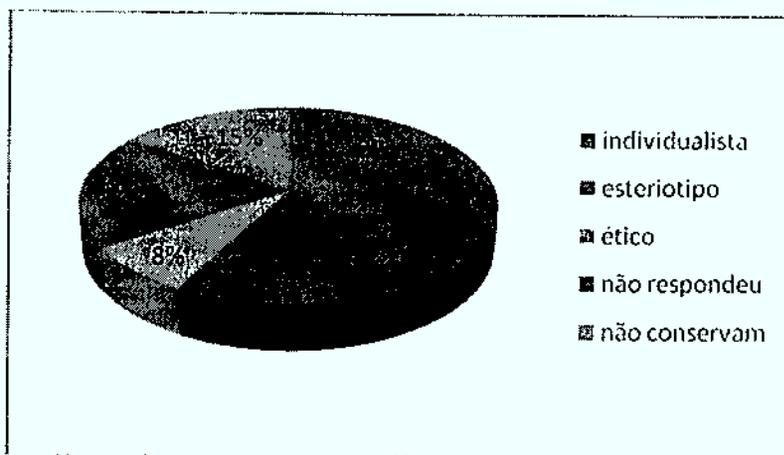


Figura 25. Características admiradas pelos espectadores

Interessantemente, a maioria dos espectadores que repassam ou divulgam as mensagens, deram respostas que foram consideradas estereotipadas. É como se validassem a idéia de que "todo mundo faz", o que pode explicar sua conduta de "ficar quieto" ou "fazer que não viu" como vimos na figura 5. 46% desses meninos e meninas consideram admiráveis aqueles conteúdos que guardam uma idéia de caráter mas que podem ser apenas convenções socialmente cultivadas, como podemos notar na figura a seguir.

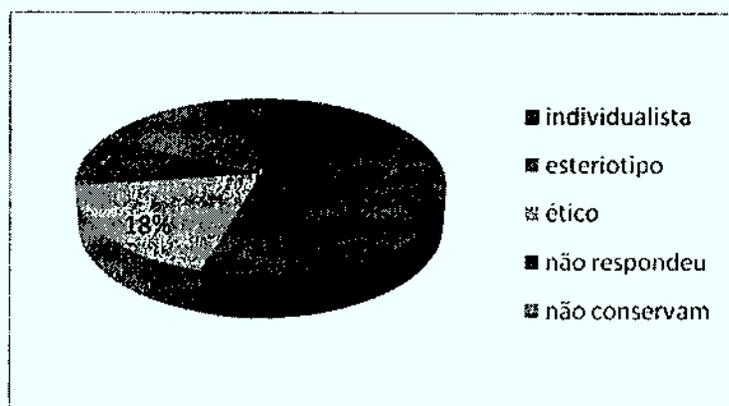


Figura 26. Características admiradas por aqueles que se identificam com aqueles que encaminham ou divulgam a mensagem

E quanto aos espectadores cuja característica maior parece ser a indiferença, pois somente observam? Quando fizemos a pergunta: Considerando os atos de insultos, agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus tratos ou intimidações por meio do Orkut, com qual dessas figuras você mais se identifica? Uma das possibilidades de resposta seria a alternativa “aquele que sabe quem faz as ameaças e conhece quem as recebe, mas não participa delas”. Quais seriam as representações que esses meninos e meninas que somente observam tem de si? Boa parte de suas respostas foram consideradas individualistas como podemos notar na figura que segue.

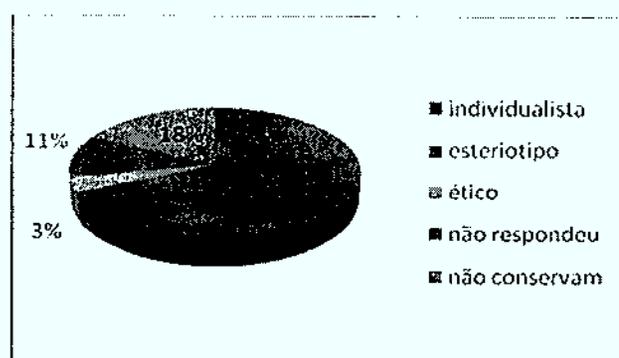


Figura 27. Características admiradas por aqueles que somente observam casos de *cyberbullying*

Do ponto de vista dos autores...

Em relação ao que admiram, dos participantes que afirmam já terem sido autores de agressões na Internet, 28% admiram características individualistas, 27% admiram valores de caráter estereotipados e nenhum

deles se referiu à conteúdos morais admiráveis. 18% não responderam às características do que admiram e 27% não conservam a mesma característica nas duas respostas.

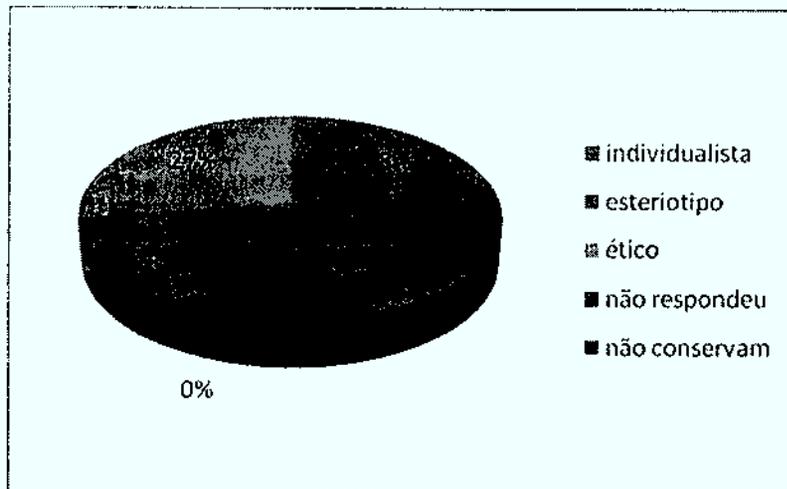


Figura 28. Características admiradas pelos autores

Esses dados parecem comprovar nossa hipótese inicial que os autores de *cyberbullying* não admirariam características éticas: são sujeitos que parecem incapazes de incluir ou ao menos se colocarem no lugar do outro. Ao mesmo tempo, são aqueles que apresentam maior porcentagem de respostas que não conservam a mesma categoria. Se nos lembrarmos de Piaget (1932/1994) esse autor nos esclarece que a "moral é conservação de valores". Dessa forma, autores de *cyberbullying* são sujeitos que permanecem heterônomos, pois não conseguem atribuir a si e aos outros, um valor moral. Para esses, o sentimento de obrigatoriedade não é forte o bastante para inibir as ações desrespeitosas.

Enfim, nossa hipótese inicial pode ser comprovada: nossos resultados nos apontam para a existência de uma correspondência entre as representações de si e como agem na internet os participantes dessa pesquisa.

CAPÍTULO VII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Talvez tenhamos maior caridade quando somos amáveis uns com os outros, quando não julgamos ou classificamos as pessoas, quando simplesmente concedemos aos outros os benefícios da dúvida ou permanecemos calados. Caridade é aceitar as diferenças, fraquezas e imperfeições dos outros; ter paciência com alguém que nos aviltou; ou resistir ao impulso de ficar ofendido quando alguém não age da maneira que esperávamos. Caridade é recusar-nos a tirar vantagem da fraqueza de outra pessoa, é ter o desejo de perdoar a quem nos ofendeu. Caridade é esperar o melhor dos outros”

Marvin J. Ashton

Capítulo VII

Considerações finais

Os elementos encontrados nesta investigação parecem nos confirmar que o *Cyberbullying* está efetivamente presente na vida dos jovens participantes, sejam eles vítimas, autores ou espectadores do sofrimento alheio.

Ainda que de maneira bastante breve, passemos a sintetizar os principais resultados a que chegamos com esse estudo.

Quanto à ***experiência de cyberbullying e suas características***, os dados nos mostram que a maioria dos autores já usou o Orkut para ofender outra pessoa mais de 10 vezes, e normalmente o faz identificando-se.

A maior parte das vítimas afirmou ter sido agredida por meio do Orkut pelo menos uma vez. Insultos, ofensas, ameaças, apelidos pejorativos, brincadeiras que constrangem, inventar mentiras sobre a vítima são as agressões mais freqüentes. A maioria dos espectadores sabe o que está acontecendo, contudo, permanecem silenciados, sem contar a ninguém sobre os fatos que de certa forma, presenciam.

Interessantemente, nossos dados confirmam que quase todos os alunos conhecem as estratégias de segurança do meio virtual, o que aparentemente não reduz o envolvimento com *cyberbullying*. No entanto, a escola se abstém desse papel de informante dessas normas de segurança, pois a maior parte dos alunos afirma ter aprendido sozinho o que corrobora a idéia de que a

escola de fato tem se isentado de sua responsabilidade de contribuir para com a superação das formas de violência nos espaços ainda que virtuais.

Se considerarmos a variável **gênero**: pudemos constatar que os meninos são os que mais se envolvem em situações de *cyberbullying*, o que não significa que as meninas não se envolvam em casos de *bullying* e *cyberbullying*, e sim que as formas de agressão entre as meninas são mais sutis, como isolamento ou exclusão da vítima.

Os meninos são os que menos se sensibilizam com a vítima, em relação às meninas, pois afirmam, em sua maioria, que acham que a vítima merece sofrer as agressões. São elas que se indignam mais com o sofrimento de outrem. Do ponto de vista das representações de si, pudemos constatar que as meninas apresentaram características mais éticas, se comparadas aos meninos. Contudo, a maioria das meninas tende a admirar conteúdos de natureza moral estereotipada .

E quanto às **representações de si** – haveria relações entre o que admiram e suas ações violentas ou não? Nossos dados nos mostram que aqueles que admiram características individualistas são em grande maioria espectadores, e também se identificam com aqueles que somente observam. Meninos e meninas cujas imagens de si apresentam valores estereotipados, são majoritariamente tanto vítimas, quanto espectadores e também se identificam mais com os que somente observam. No entanto, os sujeitos éticos são em grande parte vítimas e se identificam mais tanto com os que encaminham ou divulgam as mensagens e aqueles que sofrem as agressões.

Do ponto de vista da participação nos atos de violência, nossos resultados nos apontam que os autores admiram mais as características estereotipadas, sentem-se satisfeitos ao agredir alguém e acham que a vítima merece sofrer tais agressões. Os espectadores apresentam imagens de si mais individualistas, e se indignam mais com o sofrimento alheio, o que parece ser importante, mas não suficiente para agir em defesa da vítima.

A maioria das vítimas admira características estereotipadas, mas foram as que mais apresentaram imagens de si com caráter ético em relação aos autores e espectadores. Ficam com raiva quando são agredidas e a mesma quantidade que se indigna, acha que a vítima merece o sofrimento. Interessantemente, entre as vítimas que apresentam um caráter ético, nenhuma delas demonstra acreditar que outra vítima mereça o sofrimento de ser violentada através da Internet.

Sabemos que para afirmar com convicção nossas conjecturas sobre a correspondência dos envolvidos em *cyberbullying* e as representações de si, necessitamos de uma pesquisa que envolva um número maior de alunos bem como uma análise estatística que comprove a significância desses resultados. No entanto, nossos resultados, como pudemos notar, nos trazem dados bastante significativos.

Pudemos confirmar nossa hipótese de que os alunos cuja admiração é por virtudes éticas, quando há a inclusão do outro, não são autores de *cyberbullying*. Por certo, os valores morais como justiça, dignidade e generosidade são centrais para esses sujeitos que são capazes de levar em conta os sentimentos alheios e assim agir moralmente. Chamou-nos a atenção o fato de serem na sua maioria, vítimas, aqueles que demonstram um caráter

ético como algo a representá-los. Contudo, ao verificarmos o que sentem essas pessoas quando vêem alguém ser vitimizada os resultados a que chegamos reiteram seu caráter: sentem indignação – um sentimento que aponta para a falta de justiça.

Agora vejamos: se é verdade que os autores não apresentam caráter ético, o que podemos fazer para se tornarem pessoas que buscam uma “vida boa” com e para o outro? Por certo, é preciso mais do que aulas sobre as normas de utilização da Internet. É preciso propiciar a formação ética dos nossos alunos. Nesse aspecto a escola tem um papel fundamental. Sabemos que esse tipo de violência se inicia em ambientes onde a convivência entre pares é intensificada, ou seja, na escola. Sabemos também que suas preocupações centrais são com os conteúdos acadêmicos e, portanto os alunos não encontram espaço para discutirem seus problemas afetivos, falarem dos seus sentimentos, dos seus problemas decorridos de suas relações. Ora, se os alunos não podem discutir as questões que os afligem quando estão na escola, onde poderão discuti-los?

A escola precisa e deve ajudá-los a se indignar, a compreender a dor do outro, a serem mais justos em suas ações. É necessário que os professores, educadores, gestores se atentem aos problemas afetivos desses alunos e trabalhem com esses meninos e meninas, autores e vítimas de *bullying*, por que eles sofrem. De nada adiantará puni-los, castigá-los, julgá-los, denunciá-los a polícia. O que precisamos é formar cidadãos que aspirem à ética, que consigam se indignar, que saibam se colocar no lugar do outro, que se sensibilizem com a dor alheia. Vários estudos já elucidaram (Piaget,1954;

Wasserman, 1998; Tognetta, 2003) que as pessoas que foram vítimas de pais e professores que utilizaram castigos e punições são, freqüentemente, na vida adulta pessoas que para se sentirem felizes precisam dominar ou serem dominados por outros, não conseguem admitir um erro, não permitem o acerto dos outros, não sabem fazer escolhas e não conseguem evoluir tanto na profissão, quanto em relacionamentos pessoais.

Mas, como a escola pode fazer isso? Ora, abrindo espaço para essas questões! Realizando assembléias para discutir os problemas dos alunos e propor soluções; aplicar sanções, cuja correção está ligada ao ato sancionado; resolver os conflitos por meio de discussão de dilemas morais, histórias, filmes, etc.; propor atividades para que os alunos possam falar de si; permitir que as crianças manifestem e tenham reconhecidos seus sentimentos. São inúmeras as propostas que a psicologia moral desenvolve para tratar dos problemas afetivos dos alunos. E é a escola o lugar ideal para a confluência entre elas.

Entendemos que um trabalho para superação do *bullying* ou de sua extensão – o *cyberbullying* - só terá eficácia se as ações do ambiente em que vítimas e agressores estão inseridos permitam a tomada de consciência por parte daqueles que agem. Um autor, ou uma vítima de *bullying* pode superar todo o sofrimento vivido, mas para isso é preciso ensiná-los a pensar, a refletir sobre suas ações e as conseqüências delas e aproveitar-se das experiências de conflitos que são presentes no cotidiano da escola para que possam se sensibilizar com o outro. Ensinar a pensar significa permitir o diálogo, quando os próprios envolvidos podem anteciper as conseqüências de suas ações, reconstituir mentalmente os fatos e comparar as possibilidades de superação

do problema (Piaget, Becker, Tognetta, 2003;Tognetta & Vinha, 2008). A assembléia é uma alternativa ímpar para que o diálogo aconteça. Os alunos e professores podem falar das questões que julgam importantes, pensar sobre os problemas, ações, possíveis soluções, melhorando assim, o trabalho e a convivência escolar. A assembléia pode ser também um momento de avaliação do dia para os pais, em casa. É importante por que possibilita pensar sobre aquilo que nos torna iguais, experimentar o sentimento de pertencimento ao grupo que participa.

Quem sofre a ausência de senso moral de fato não é capaz de se sensibilizar com a dor alheia. Por um lado, é verdade que suas ações precisam ser corrigidas. No entanto, sanções expiatórias como castigos e mesmo humilhações não conduzem à superação do problema. Dessa forma, pais e professores "que aspiram por relações de confiança utilizam sanções por reciprocidade para corrigir os comportamentos inadequados de seus alunos ou filhos" (Piaget, 1932; Vinha,2000; Mantovani de Assis, 2000). Essas sanções se relacionam com o comportamento a ser sancionado em que o sujeito pode sofrer as conseqüências naturais de seus atos e se responsabilizar pelas correções a serem realizadas.

Por outro lado, é preciso lembrar que as ações humanas são movidas por uma energia que nos leva muitas vezes a não agir bem, e, portanto é preciso que crianças e adolescentes possam manifestar o que sentem "seja em momentos de conflito, ou em oportunidades de falar sobre seus anseios, suas tristezas, suas raivas" (Tognetta & Vinha, 2008; Tognetta, 2010). Assim, "tais oportunidades são instituídas quando trazemos histórias que envolvam os sofrimentos infantis em situações de *bullying*, de personagens fictícios, vídeos,

textos dos próprios alunos" (Fante, 2004) ou proporcionando momentos de fazer narrativas sobre suas experiências morais (Tognetta, 2009). Essas alternativas permitem que os alunos possam refletir sobre seus problemas e apresentá-los ao grupo, se for de sua vontade. Isso tudo porque é preciso que as crianças e adolescentes sejam convidados a falar dos sentimentos de personagens das histórias discutidas e de seus próprios sentimentos "o que gostam, o que não gostam, o que lhes envergonha, o que lhes angustia, o que lhes amedronta, o que lhes alegra..." (Tognetta, 2005).

Quando as crianças e adolescentes podem falar de si mesmos, elas tomam consciência de sua existência e constroem representações de si (ou imagens) mais positivas ao mesmo tempo em que podem compreender e se sensibilizar com os sentimentos dos outros.

Fica para nós a certeza de que mais e mais investigações dessa natureza precisam ser realizadas, assim como mais e mais educadores necessitam saber dessas preocupações que assolam seus alunos, pois antes mesmo de serem "alunos" são pessoas que sentem e que na convivência constroem suas relações.

Referências bibliográficas

ADLER, A. **Le tempérament nerveux**. Éléments d'une psychologie individuelle et applications a la psychothérapie. Paris: Payot, 1955; p. 360-363.

ARAÚJO, L. S. **Os Valores Éticos nas Relações Interpessoais no Ciberespaço**. Instituto. A Vez do Mestre. UCAM, RJ. <<http://www.infoescola.com/sociologia/os-valores-eticos-nas-relacoes-interpessoais-no-ciberespaco/>> Data de acesso: 21 de janeiro de 2010.

AVILÉS, J. M. **Cyberbullying: Diferencias entre el alumnado de secundaria**. Boletín de Psicología, No.96, 2009, 79-96.

AVILÉS, J. M. **Victimización Percebida y bullying: factores diferenciales entre victimas**. Boletín de Psicología, No. 95, 7-28.

BECKER, Fernando. **Da ação à operação: o caminho da aprendizagem**; J. Piaget e P. Freire. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

BENAVENTE, I. M. **Bullying: acoso escolar**. Disponível em: <www.isabelmenendez.com> Acesso em: 15/02/2010

BOUCHARD, N. **L'éducation morale à lécole**. Presses Universitaires du Québec. 2000.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

CORTELLA, M, S; LA TAILLE, Y. **Nos labirintos da Moral**. 5ª edição. Campinas, SP: Papirus 7 mares, 2009, 112 p.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed,2008. 142 p.

FAUSTINO R.; Oliveira T. M. **O Cyberbullying no Orkut: a agressão pela linguagem.** Língua, Literatura e Ensino, Vol. III. 2008.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

IGLESIAS, Fábio. **Desengajamento moral.** In: BANDURA, A.;AZZI, R.G.;POLYDORO, S.e cols.: Teoria Social Cognitiva –conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed. 2008. (pp. 165-176).

JUNIOR, L. S.; MATOS, F. R. X.; PEREIRA, V. F. **A ética no meio virtual: intimidade e anonimato.** Revista da FESP: Periódico de diálogos científicos 66. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/os-valores-eticos-nas-relacoes-interpessoais-no-ciberespaco/>>. Data de acesso: 01/02/2010.

LA TAILLE, Y. **Limites: três dimensões educacionais.** São Paulo: Ática, 1998. 151p.

LA TAILLE, Y. **Vergonha: a ferida moral.** São Paulo: Ed. Vozes, 2002.

LA TAILLE, Y.; TOGNETTA, L. R. P. **A formação de personalidades éticas: representações de si e moral.** 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722008000200007&script=sci_artt_ext > Data de acesso: 07/12/2009

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed 34, 1999.

LOPES NETO A.A., SAAVEDRA L.H. **Diga não para o bullying – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.** Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2003.

MANTOVANI DE ASSIS, O. Z. **Aspecto afetivo: sugestões de atividades**, In: PROEPRE- Práticas pedagógicas. Campinas, LPG, FE, UNICAMP, 2000.

MASCARENHAS, S. A. N. **Bullying e moralidade escolar: Um estudo com estudantes do Brasil**. Anais do Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral. Campinas: Unicamp, 2009.

MASON, K. L. **Cyberbullying (intimidação psicológica com a ajuda da tecnologia): Avaliação preliminar no ambiente escolar**. Psychology in the Schools, Vol. 45(4). Universidade Estadual de Cleveland, 2008.

NOGUEIRA, C. S. **Orkut e as Comunidades Virtuais: Identidades Solúveis no Ciberespaço**. UNAMA, AM. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2007/resumos/R0405-1.pdf>>. Data de acesso: 01/02/2010

OLWEUS, D. **Bully/Victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a School- Based Intervention Program**. 1991.

OLWEUS, D.. **Bullying at school**. Oxford e Cambridge: Blackwell. 1993.

OLWEUS, D. **Bullying at school long term outcomes for the victims and effective school based intervention program**. New York: Plenum. 1994.

OLWEUS, D. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. Madrid: Morata, 1998.

PLAN. Pesquisa: **Bullying Escolar no Brasil**. Relatório Final. São Paulo, 2010.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo : Summus Editorial, 1932/1994.

PIAGET, J. **Las relaciones entre La inteligencia y La afectividad em el desarrollo mental Del niño**. In: DELAHANT, G. P. (comp). Piaget y el psicoanalises. México, Universidade autônoma metropolitana, 1952/1994.

PIAGET, J. **The Origin Of Intelligence In The Child**. Routledge, USA, 1954.

PRADOS, M. A. H. **Menores y riesgos en la Red**. Un dilema para los padres. III Congresso on line- Observatorio para la Cibersociedad.2006.

TOGNETTA, L. R. P. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista**. Campinas, SP, Mercado de Letras/FAPESP, 2003.

TOGNETTA, L. R. P. **Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos**. In: PONTES, A.; DE LIMA, V. S. Construindo saberes em educação. Porto Alegre: Zouk, 2005. p.11-32.

TOGNETTA, L. R. P. **A formação da personalidade ética: estratégias de trabalho com a afetividade na escola**. Campinas: Mercado das Letras. 2009, 183 p.

TOGNETTA, L. R. P. **O reizinho e ele mesmo**. Literatura Infantil. Coleção: Falando de sentimentos. Americana: Ed. Adonis, 2008.

TOGNETTA, L. R. P. **A história da menina e do medo da menina**. Literatura Infantil. Coleção: falando de sentimentos. Americana: Ed. Adonis, 2010.

TOGNETTA, L.R.P; VINHA, T. P. **Estamos em conflito: eu, comigo e com você: uma reflexão sobre o *bullying* e suas causas afetivas**. In: CUNHA, J. L.; DANI, L. S. C.: Escola, conflitos e violência. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008.

TOGNETTA, L.R.P ; VINHA, T. P. **Valores em crise: o que nos causa indignação**. 2009

TOGNETTA, L.R.P; VINHA, T. P. **Quando a escola é democrática**. Campinas: Mercado das letras. 2010.

VINHA, T. P. **O educador e a moralidade infantil**. Campinas: Mercado das letras, 2000.

WASSERMAN, S. **Brincadeiras sérias na escola primária**. Lisboa: Instituto Piaget. 1998

ZAMBONI, E., BOZZA, T. C. L. **Os jovens e a cultura contemporânea**. Pesquisa de iniciação científica em desenvolvimento na Faculdade de Educação da UNICAMP, 2010.

ANEXO I

Caro aluno,

O questionário a seguir permite que você responda de acordo com o que pensa e vivencia de fato. Ele é um questionário anônimo, secreto e individual, por isso lhe pedimos que o responda com sinceridade e dizendo exatamente o que você pensa ou sente. Para isso, assinale com um (X) as questões de alternativas e escreva com sinceridade as questões escritas. Este questionário não é um teste nem um exame e por isso, todas as respostas serão corretas. O importante é saber de fato o que acontece na vida dos estudantes.

Agradecemos muito sua colaboração!

PARTE I - FALE SOBRE VOCÊ

1. Idade: _____

2. Sexo: () Feminino () Masculino

3. Série: _____

4. Escola: _____

5. Com quem mora? _____

6. Sou: () filho único () tenho irmãos. Quantos? _____

7. Em geral, como é seu relacionamento com os colegas?

() bom () nem bom nem mal () ruim

8. Você tem bons amigos (amigos ou amigas verdadeiros na escola)? Quantos?

() Não. Não tenho nenhum amigo.

() Tenho um amigo.

() Entre dois a quatro

() Mais de cinco amigos.

9. O que é preciso que alguém faça para merecer sua admiração?

10. O que as pessoas podem admirar em você?

VOCÊ TEM ORKUT? SIM () NÃO ()

PARTE II: O USO DA TECNOLOGIA

1. Você já foi vítima de insultos, agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus tratos ou intimidações por meio do Orkut?

sim não

Se você respondeu NÃO vá para a questão 4.

1. Você foi ofendido, maltratado, intimidado por quem (pode assinalar mais de uma opção)?

por colegas da escola

por pessoas fora da escola

eu não tenho certeza sobre quem foi ou desconheço quem é(são) o(s) autor(es)

2. Quantas vezes você foi alvo desse tipo de agressão?

uma vez

de 2 a 3 vezes

de 4 a 10 vezes

mais de 10 vezes

3. Assinale as alternativas abaixo que melhor explicam como você se sentiu diante dessas situações e explique por quê.

humilhado (a)

envergonhado (a)

desesperado (a)

com raiva

angustiado (a)

impotente

conformado (a)

triste

desanimado (a)

revoltado (a)

() com medo

() indignado (a)

() constrangido (a)

() não senti nada

() outro sentimento. Qual? _____

Por quê? _____

a. Quais são os tipos de agressão que sofreu por meio do Orkut e com que frequência ocorreram? Assinale as alternativas no quadro abaixo:

	Nunca	1 vez	De 2 a 4 vezes	De 4 a 10 vezes	Mais de 10 vezes
Insultaram-me e me ofenderam					
Fizeram ameaças					
Fizeram brincadeiras ou gozações que me aborreceram ou me deixaram constrangido					
Colocaram apelidos que me incomodaram					
Inventaram mentiras a meu respeito					
Falaram, comentaram ou mostraram algo pessoal, que eu não queria que os outros vissem ou soubessem					
Acusaram-me de algo que não fiz					
Fui discriminado, fizeram gozações ou tiraram sarro de mim por usar óculos, ser pequeno, ser alto, ser magro, ser gordo, ser negro, ser branco, ser ruivo, etc...					
Fizeram chantagens					
Fizeram comentários maldosos sobre minha vida.					
Forçaram-me a fazer algo que eu não queria					
Humilharam-me por causa da minha opção sexual ou trejeitos					

b. Você contou aos adultos (como, por exemplo, os pais ou professores) ?

() sim () não

Se respondeu que SIM, que contou a um adulto, para quais adultos contou?

() pai

() mãe

() outro parente

() professor

() especialista da escola (coordenador, diretor, orientador, monitor, etc)

() outros. Quem? _____

Qual foi o resultado? _____

Se respondeu que NÃO, que não contou a um adulto, qual o motivo que não o levou a contar?

() não deu importância ao fato

() achou que as agressões não teriam continuidade

() medo por estar se expondo mais

() sentiu vergonha

() não soube onde pedir ajuda

() não quis falar a respeito

() ficou com medo de ser punido pelo adulto

() ficou com medo de ser censurado pelo adulto

() achou que o problema ficaria ainda pior

() outros. Quais? _____

4. Você já insultou, agrediu, colocou apelidos pejorativos, fez ameaças, difamou, maltratou ou intimidou alguém usando para isso o Orkut?
() sim () não

Se você respondeu que “NÃO” vá para a questão 10.

5. Quem você ofendeu, maltratou, apelidou, difamou, zombou, ameaçou ou intimidou:

- () colegas da escola
() pessoas fora da escola

6. Quantas vezes você utilizou os meios eletrônicos para esse fim?

- () uma vez
() de 2 a 3 vezes
() de 4 a 10 vezes
() mais de 10 vezes

7. Ao utilizar os meios eletrônicos para essa finalidade você, geralmente, o faz:

- () identificando-se
() usando pseudônimo
() anonimamente

Por quê? _____

8. Você contou para alguém sobre essas atitudes?

- () sim () não

Se você assinalou que SIM, para quem contou?

- () colega(s) da classe
() pai
() mãe
() outros parentes
() professores

() especialistas da escola (coordenador, diretor, orientador, monitor, etc)

() outros. Quem? _____

Qual foi o resultado? _____

9. Assinale as alternativas abaixo que melhor explicam como você se sentiu quando utilizou o Orkut para essa finalidade e explique por quê.

() satisfeito (a)

() poderoso (a)

() aliviado (a)

() vingado (a)

() indiferente

() com a sensação de ter feito justiça

() arrependido (a)

() envergonhado (a)

() com pena de quem eu maltratei

() outro sentimento. Qual? _____

Por quê? _____

10. Você conhece alguém que já tenha sido vítima de insultos, agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus tratos ou intimidações por meio do Orkut?

() sim () não

Se você respondeu que "NÃO", que não conhece ninguém, vá para a questão 14.

11. Qual é o sentimento que experimentou quando soube do que estava acontecendo?

() achei engraçado, divertido

() achei merecido

- senti indiferença
- fiquei indignado
- senti pena
- outros. Quais? _____

12. Você tomou alguma atitude? Quais?

- divulguei a mensagem, texto, imagem, vídeo, etc. para meus conhecidos
- contei para meus colegas
- fiz que não vi
- achei melhor ficar quieto
- conversei com a vítima dizendo para que ela _____
- outra atitude. Qual? _____
- não tomei nenhuma atitude

13. Quando você soube que alguém conhecido estava sendo vítima desse tipo de agressão por meio eletrônico, você contou para algum adulto (como, por exemplo, os pais ou professores)?

- sim não

Se respondeu "SIM", que contou a um adulto, para quem foi?

- seu pai, mãe ou parente
- pai, mãe ou parente da vítima
- professor
- especialista da escola (coordenador, diretor, orientador, monitor, etc)
- outros. Quem? _____

Qual foi o resultado? _____

14. Quando os adultos na escola tomam conhecimento sobre os insultos, agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus-tratos ou intimidações feitas por meio do Orkut eles tentam resolver esse problema?

sim não algumas vezes

15. Se você respondeu que "SIM" ou "ALGUMAS VEZES", como, em geral, esses adultos tentaram resolver esse problema?

16. Considerando os atos de insultos, agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus tratos ou intimidações por meio do Orkut, com qual dessas figuras você mais se identifica?

aquele que toma essas atitudes ameaçando, gozando ou intimidando outras pessoas.

aquele que é ameaçado, gozado ou intimidado por outras pessoas

aquele que somente encaminha as mensagens ou divulga-as

aquele que sabe quem faz as ameaças e conhece quem as recebe mas não participa delas.

17. Você conhece estratégias de segurança na utilização do espaço virtual?

sim não

a. Se respondeu "SIM", você conhece as estratégias de segurança, como as aprendeu?

sozinho

com meus pais

na escola

outros. Especifique _____